

27 E 28 DE NOVEMBRO DE 2024

ENCONTRO NACIONAL 2024

REDE ESCOLA

REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA

LOCAL: ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA (ENSP/FIOCRUZ), RIO DE JANEIRO

**EDUCAÇÃO NA SAÚDE E ARTICULAÇÃO
INTERINSTITUCIONAL: CAMINHOS ESTRATÉGICOS
PARA O FORTALECIMENTO DO SUS**



Estamos aqui hoje traçando um percurso coletivo em direção ao fortalecimento do nosso Sistema Único de Saúde, pelo viés da formação e trabalho na saúde. O Encontro Nacional da RedEscola simboliza muitos outros encontros que podem ser considerados os nós dessa rede. Cada encontro, um nó. Mas, de alguma forma, essa palavra causa incômodo. Então, cada encontro, um laço. Nó parece algo estático. E, se partirmos para o conceito de Merhy, de redes vivas, a ideia de movimento precisa estar presente.

Por isso, laço. Laço sustenta justamente porque não é rígido. A partir das relações, construímos formas de sustentar, resistir e avançar em direção ao Sistema de Saúde democrático, com esses laços que, nos 34 anos de SUS, enfrentamos os mais diversos cenários do nosso país, de um governo mais autoritário a um governo mais progressista, sem deixar a corda arrebentar.

Que os múltiplos encontros desses dois dias de evento produzam debates, conversas, circulação de ideias e afetos. Sigamos na missão coletiva e compartilhada de fazer o SUS pulsar. Cheio de vida, cheio de rede, cheio de laços.

Sejam todos bem-vindos!

Autora: Alice Lima

Organização do Encontro Nacional da RedEscola 2024

Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública (RedEscola)
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP)
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES)
Ministério da Saúde (MS)



Organização

Yansy Aurora Delgado Orrillo
Alice Medeiros Lima
Cristiane Saade Rocco
Lucas Manoel da Silva Cabral

Supervisão

Márcia Cristina Rodrigues Fausto

Revisão Técnica

Márcia Cristina Rodrigues Fausto

Palestrantes e mediadores

Alessandra de Quadra Esmeraldino
Célia Maria Borges da Silva Santana
Cristiani Vieira Machado
Eduardo Alves Melo
Elaine Junger Pelaez
Fabiano Ribeiro dos Santos
Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello
Marco Antônio Carneiro Menezes
Márcia Cristina Rodrigues Fausto
Márcia Silveira Ney
Márcia Teixeira
Nildo Alves Batista
Tatiana Wargas de Faria Baptista

Secretária Técnica Executiva da RedEscola 2024

Márcia Cristina Rodrigues Fausto -
Coordenadora
Alice Medeiros Lima
Cristiane Saade Rocco
Edjane Alves de Santana
Francisco Gaston Salazar Munoz
Lucas Manoel da Silva Cabral
Rosangela Costa Carvalho
Yansy Aurora Delgado Orrillo

Registros Fotográficos

Cris Rocco - RedEscola
Virginia Damas Fuchs - ENSP

Transcrição do áudio

Juliana Marques Aguiar dos Santos

Grupo Região Centro – Oeste

Participantes:

- ♦ Ana Valéria dos Santos Barroso – Escola Municipal de Saúde Pública de Aparecida de Goiânia
- ♦ Armando Martinho Bardou Raggio – Escola de Governo Fiocruz – Brasília
- ♦ Demétrio Antônio Gonçalves da Silva Gomes – Escola Superior de Ciências da Saúde
- ♦ Fernanda Ramos Monteiro – Escola de Saúde Pública do Distrito Federal
- ♦ Inocência Rocha da Cunha Fernandes – Escola de Saúde Pública do Distrito Federal
- ♦ Júlia Maria Rodrigues de Oliveira – Escola Municipal de Saúde de Anápolis
- ♦ Maria Alice Coelho – Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia
- ♦ Maria de Lourdes Oshiro – Escola de Saúde Pública de Mato Grosso do Sul Dr. Jorge
- ♦ David Nasser
- ♦ Rafael de Souza Petersen – Escola de Governo Fiocruz – Brasília
- ♦ Rosana Mendes Reis Barbosa – Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido
- ♦ Santiago
- ♦ Sílvia Aparecida Tomaz – Escola de Saúde Pública do Estado do Mato Grosso

Grupo Região Nordeste

Participantes:

- ♦ Alane Barreto de Almeida Leôncio – Escola de Saúde Pública da Paraíba
- ♦ Alberto Luiz Alves de Lima – Escola de Governo em Saúde do Município do Recife

- ♦ Ana Lúcia Nunes – Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão Dr^a Maria Nazareth Ramos de Neiva
- ♦ Carlos Leonardo Figueiredo Cunha – Universidade Federal do Maranhão / DSP
- ♦ Célia Maria Borges da Silva Santana – Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco
- ♦ Christian Tirelli – Escola de Saúde Pública de Salvador
- ♦ Cláudia Cristiane Moura Silva Souza – Escola de Saúde Pública da Bahia Professor Jorge Novis
- ♦ Cláudia Frederico de Melo – Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Norte
- ♦ Daniele de Araujo Travassos – Escola de Saúde Pública do Estado de Sergipe
- ♦ Domício Aurelio de Sá – Instituto Aggeu Magalhães - Fundação Oswaldo Cruz
- ♦ Francisca Maria Oliveira Andrade – Escola de Saúde Pública do Município de Fortaleza
- ♦ Janaina Andrade Duarte – Escola Técnica de Saúde Professora Valéria Hora – ETSAL
- ♦ José da Paz Oliveira Alvarenga – Universidade Federal da Paraíba / CCS
- ♦ Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia / ISC
- ♦ Lucia da Silva Vilarinho – Universidade Federal do Piauí / NESP
- ♦ Maria Aparecida Bezerra – Universidade Federal da Paraíba / CCS
- ♦ Maria da Paz Andrade Monteiro – Fundação Oswaldo Cruz – Ceará
- ♦ Maria de Jesus Dias de Araújo Ferreira – Escola de Saúde Pública do Estado do Piauí
- ♦ Maria Teresa S. S. de Brito e Alves – Universidade Federal do Maranhão / DSP
- ♦ Maristela Inês Osawa Vasconcelos – Universidade Estadual Vale do Acaraú / CCS
- ♦ Matheus de Sousa Mata – Universidade Federal do Rio Grande do Norte / NESC
- ♦ Osmar Arruda da Ponte Neto – Escola de Saúde Pública Visconde de Sabóia
- ♦ Suely do Nascimento Silva – Universidade Federal de Alagoas / NUSP
- ♦ Suzyane Cortês Barcelos – Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues
- ♦ Tacia Suane Martins dos Santos – Centro de Educação Permanente da Saúde - CEPS / Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju

Grupo Região Norte

Participantes:

- ♦ Ana Kelly Rodrigues Bitencourt – Escola de Saúde Pública do Amapá
- ♦ Ana Paula dos Santos Andrade Abadia – Escola de Saúde Pública de Araguaína
- ♦ Ani Beatriz Jackisch Matsuura – Fundação Oswaldo Cruz AM - Instituto Leônidas e Maria Deane
- ♦ Daniela de Oliveira Alves Ponce Mafrá – Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas
- ♦ Dênia Rodrigues Chagas – Escola de Saúde Pública de Araguaína
- ♦ Gerusa Dayanne de Oliveira Medeiros – Universidade Federal do Amapá
- ♦ Herleis Maria de Almeida Chagas – Universidade Federal do Acre
- ♦ Ilma Pastana Ferreira – Universidade do Estado do Pará
- ♦ Jandra Cibeles Rodrigues de Abrantes Pereira Leite – Universidade Federal de Rondônia / NUSAU
- ♦ Julio Cesar Fraulob Aquino – Universidade Federal de Roraima / CCS
- ♦ Karina Gomes Cerquinho – Escola de Saúde Pública de Manaus
- ♦ Leide Idaine Barros da Silva – Escola Tocantinense do SUS Dr. Gismar Gomes
- ♦ Marcela Milrea Araújo Barros – Instituto Estadual de Educação em Saúde Pública de Rondônia – IESPRO
- ♦ Raimunda Fortaleza de Sousa – Escola Tocantinense do SUS Dr. Gismar Gomes
- ♦ Virginia Lourenço Santos Rodrigues – Escola de Saúde Pública do Amapá
- ♦ Viviany de Nazaré da Silva Cardoso – Secretaria de Estado da Saúde do Pará

Grupo Região Sudeste

Participantes:

- ♦ Carmelia Gonçalves de Melo – Escola de Saúde Pública de Betim Sérgio Arouca - ESP Betim
- ♦ Carolina Perez Campagnoli – Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo - ICEPi/SES-ES
- ♦ Claudia Regina Graziano de Moraes e Abreu – Escola Municipal de Saúde (EMS) /
- ♦ Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (SMS-SP)
- ♦ Cleide Lavieri Martins – Universidade de São Paulo / FSP
- ♦ Edison Bueno – Universidade Estadual de Campinas – FCM
- ♦ Erika Saiter Garrocho – Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação –Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo - ICEPi/SES-ES
- ♦ Fabiano Ribeiro dos Santos – Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação - Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo - ICEPi/SES-ES
- ♦ Fabiola Damas de Carvalho e Silva – Escola de Saúde Pública de Campinas
- ♦ Gideon Borges dos Santos – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
- ♦ Helian Nunes de Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais / NESCON
- ♦ Luiz Albérico Araújo Montenegro – Universidade Federal Fluminense / ISC
- ♦ Luiz Carlos de Abreu – Universidade Federal do Espírito Santo / CCS
- ♦ Marcelle Regina Silva Benetti – Escola de Saúde Pública de Campinas
- ♦ Márcia Silveira Ney – Universidade do Estado do Rio de Janeiro / IMS
- ♦ Patrícia de Oliveira – Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais

Grupo Região Sul

Participantes:

- ♦ Adriana Anunciada de Lima – Escola Municipal de Saúde Pública de São José dos Pinhais
- ♦ Alessandra de Quadra Esmeraldino – Escola de Saúde Pública de Florianópolis
- ♦ Aline Daiane Schlindwein – Escola de Saúde Pública de Santa Catarina
- ♦ Ana Cristina dos Santos Baptista – Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
- ♦ Edenilson Bomfim da Silva – Grupo Hospitalar Conceição Gerência de Ensino e Pesquisa
- ♦ Elisandro Rodrigues – Grupo Hospitalar Conceição Gerência de Ensino e Pesquisa
- ♦ Marcia Daniele Seima – Escola Municipal de Saúde Pública de São José dos Pinhais
- ♦ Marselle Nobre de Carvalho – Universidade Estadual de Londrina / CCS
- ♦ Priscila Meyenberg Cunha Sade – Escola de Saúde Pública do Paraná
- ♦ Solange Rothbarth Bara – Escola de Saúde Pública do Paraná

Instituições participantes do evento

- ♦ Centro de Educação Permanente da Saúde - CEPS / Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju
- ♦ Escola de Governo em Saúde do Município do Recife
- ♦ Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco
- ♦ Escola de Governo Fiocruz - Brasília
- ♦ Escola de Saúde Pública da Bahia Professor Jorge Novis
- ♦ Escola de Saúde Pública da Paraíba
- ♦ Escola de Saúde Pública de Araguaína
- ♦ Escola de Saúde Pública de Betim Sérgio Arouca - ESP Betim
- ♦ Escola de Saúde Pública de Campinas
- ♦ Escola de Saúde Pública de Florianópolis
- ♦ Escola de Saúde Pública de Manaus
- ♦ Escola de Saúde Pública de Santa Catarina
- ♦ Escola de Saúde Pública de Salvador
- ♦ Escola de Saúde Pública do Amapá
- ♦ Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues
- ♦ Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
- ♦ Escola de Saúde Pública do Estado de Sergipe
- ♦ Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão Dr^a Maria Nazareth Ramos de Neiva
- ♦ Escola de Saúde Pública do Estado do Piauí
- ♦ Escola de Saúde Pública do Distrito Federal
- ♦ Escola de Saúde Pública do Município de Fortaleza
- ♦ Escola de Saúde Pública do Paraná
- ♦ Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Norte
- ♦ Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
- ♦ Escola Municipal de Saúde (EMS) / Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (SMS-SP)
- ♦ Escola Municipal de Saúde de Anápolis
- ♦ Escola Municipal de Saúde Pública de Aparecida de Goiânia
- ♦ Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia
- ♦ Escola Municipal de Saúde Pública de São José dos Pinhais
- ♦ Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
- ♦ Escola Superior de Ciências da Saúde
- ♦ Escola Técnica de Saúde Professora Valéria Hora - ETSAL
- ♦ Escola Tocantinense do SUS Dr. Gismar Gomes
- ♦ Escola de Saúde Pública Visconde de Sabóia
- ♦ Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas
- ♦ Fundação Oswaldo Cruz - Ceará
- ♦ Fundação Oswaldo Cruz AM - Instituto Leônidas e Maria Deane
- ♦ Grupo Hospitalar Conceição Gerência de Ensino e Pesquisa
- ♦ Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação - Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo - ICEPi/SES-ES
- ♦ Instituto Estadual de Educação em Saúde Pública de Rondônia - IESPRO
- ♦ Instituto Aggeu Magalhães - Fundação Oswaldo Cruz
- ♦ Universidade de São Paulo / FSP
- ♦ Universidade do Estado do Pará
- ♦ Universidade Estadual de Campinas - FCM

- ♦ Universidade Estadual de Londrina / CCS
- ♦ Universidade Estadual Vale do Acaraú / CCS
- ♦ Universidade Federal da Bahia / ISC
- ♦ Universidade Federal da Paraíba / CCS
- ♦ Universidade Federal de Alagoas / NUSP
- ♦ Universidade Federal de Minas Gerais / NESCON
- ♦ Universidade Federal de Rondônia / NUSAU
- ♦ Universidade Federal do Acre
- ♦ Universidade Federal do Amapá
- ♦ Universidade Federal do Espírito Santo / CCS
- ♦ Universidade Federal do Maranhão / DSP
- ♦ Universidade Federal do Piauí / NESP
- ♦ Universidade Federal do Rio Grande do Norte / NESC
- ♦ Universidade Federal de Roraima / CCS
- ♦ Universidade Federal Fluminense / ISC
- ♦ Universidade do Estado do Rio de Janeiro / IMS

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	11
1º DIA - 27/11/2024.....	13
CAMINHOS SE FAZEM A PARTIR DO QUE É VIVO. REDES SE TECEM A PARTIR DO QUE É ENCONTRO.....	14
MESA DE ABERTURA.....	15
LÍVIA MILENA BARBOSA DE DEUS E MELLO (DEGES/ SGTES/MS).....	15
ELAINE JUNGER PELAEZ (CIRHRT/CNS)	17
CRISTIANI VIEIRA MACHADO (FIOCRUZ).....	18
EDUARDO ALVES MELO (VDEGS/ENSP/FIOCRUZ).....	19
CÉLIA MARIA BORGES DA SILVA SANTANA (ESPPE).....	20
MÁRCIA CRISTINA RODRIGUES FAUSTO (ENSP/FIOCRUZ/STE-REDESCOLA).....	21
MESA REDONDA: EDUCAÇÃO NA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE.....	23
MÁRCIA TEIXEIRA (DAPS/ENSP/FIOCRUZ): MARCOS CONTEMPORÂNEOS DAS RELAÇÕES DO TRABALHO E DESAFIOS APONTADOS PARA OS SISTEMAS UNIVERSAIS DE SAÚDE.....	24
TATIANA WARGAS (IFF/FIOCRUZ): DESAFIOS SOCIOSSANITÁRIOS CONTEMPORÂNEOS E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS NECESSÁRIAS PARA A FORMAÇÃO DOS SISTEMAS DE SAÚDE COMPROMETIDOS COM A INCLUSÃO SOCIAL E A GARANTIA DO ACESSO INTEGRAL.....	26
NILDO ALVES BATISTA (UNIFESP – BAIXADA SANTISTA): DESAFIOS PARA AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO NA SAÚDE.....	28
DEBATE DA MESA REDONDA: EDUCAÇÃO NA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE.....	32
MESA REDONDA: DISPOSITIVOS DE GESTÃO INTERINSTITUCIONAL PARA EDUCAÇÃO NA SAÚDE, ATUAÇÃO E GESTÃO DAS ESCOLAS DO SUS.....	39
FABIANO RIBEIRO DOS SANTOS (ICEPI): EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO CAPIXABA DE ENSINO, PESQUISA E INOVAÇÃO EM SAÚDE.....	40

ALESSANDRA DE QUADRA ESMERALDINO (ESP/FLORIPA): EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS.....	41
MÁRCIA SILVEIRA NEY (IMS/UERJ): MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE COLETIVA.....	43
DEBATE DA MESA REDONDA: DISPOSITIVOS DE GESTÃO INTERINSTITUCIONAL PARA EDUCAÇÃO NA SAÚDE, ATUAÇÃO E GESTÃO DAS ESCOLAS DO SUS.....	47
2º DIA - 28/11/2024.....	57
SESSÃO DE ABERTURA DO SEGUNDO DIA DO ENCONTRO NACIONAL DA REDESCOLA.....	58
AÇÕES PRIORITÁRIAS DAS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DA REDESCOLA.....	62
PLENÁRIA DA REDESCOLA 2024.....	63
ELEIÇÕES REGIONAIS PARA O GRUPO DE CONDUÇÃO.....	63
REGIÃO CENTRO-OESTE (09H00 - 10H00, 25 DE NOVEMBRO DE 2024).....	64
REGIÃO NORDESTE (10H30 - 11H00, 25 DE NOVEMBRO DE 2024).....	64
REGIÃO SUDESTE (13H00 - 14H00, 25 DE NOVEMBRO DE 2024).....	64
REGIÃO SUL (14H30 - 15H40, 25 DE NOVEMBRO DE 2024).....	65
REGIÃO NORTE (16H00 - 17H00, 25 DE NOVEMBRO DE 2024).....	65
COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE CONDUÇÃO DA SECRETÁRIA TÉCNICA DA REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA – RESULTADO DA ELEIÇÃO DE 2024.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68

Apresentação

O Encontro Nacional da Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública (RedEscola), realizado nos dias 27 e 28 de novembro de 2024, na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), no Rio de Janeiro, constituiu-se como um espaço de reafirmação e fortalecimento da articulação interinstitucional que sustenta e mobiliza as 67 escolas públicas que integram a rede. Marcado pela participação das instituições formadoras, representantes do controle social e gestores de diferentes esferas do Sistema Único de Saúde (SUS), o evento consolidou-se como um momento de reflexão, construção e encaminhamento de ações comuns voltadas à qualificação da formação em saúde no país.

A abertura do Encontro evocou o percurso histórico da RedEscola, relembrando a celebração dos seus 15 anos, ocorrida em Brasília, no final de 2023, e destacando a continuidade do processo de fortalecimento da rede ao longo de 2024. Nesse caminho, as Oficinas Regionais despontaram como importantes experiências de articulação, troca de saberes e formulação de proposições alinhadas aos desafios específicos de cada território, culminando neste Encontro Nacional, que reafirmou a RedEscola como espaço privilegiado de promoção da educação permanente e da construção coletiva de políticas públicas de saúde.

O Encontro foi também um espaço de reconhecimento e celebração do trabalho desenvolvido pelas instituições formadoras em todas as regiões do Brasil, bem como das parcerias fundamentais que viabilizaram essa trajetória. Destacou-se, nesse sentido, o apoio da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz e do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), cuja atuação tem sido determinante para a retomada e fortalecimento da rede.

A programação, propiciou debates técnicos-políticos sobre os desafios contemporâneos da educação na saúde, a gestão interinstitucional e o papel das escolas do SUS na qualificação das trabalhadoras e trabalhadores e na defesa do direito universal à saúde. A mesa-redonda de abertura, intitulada “Educação na Saúde na Contemporaneidade”, reuniu especialistas que problematizaram questões centrais como os marcos das relações de trabalho, os desafios das políticas formativas, as desigualdades socioeconômicas e a necessidade de construção de competências alinhadas à inclusão social e ao cuidado integral.

No período da tarde, as discussões avançaram com a mesa sobre “Dispositivos de Gestão Interinstitucional para a Educação na Saúde”, que trouxe experiências de escolas estaduais e municipais, além da atuação articulada entre ensino, pesquisa e inovação.

O segundo dia foi dedicado ao aprofundamento do planejamento colaborativo, com a realização dos grupos de trabalho por regiões, e à definição das proposições para a agenda temática da RedEscola para o biênio 2025-2026. Na plenária final, foram apresentados os resultados dos debates e realizada a nomeação do novo Grupo de Condução da RedEscola.

Mais do que um evento, o Encontro Nacional RedEscola 2024 foi a expressão viva de uma rede que se fortalece nos vínculos, nas trocas e no compromisso coletivo com o SUS, com a educação pública e com a construção de uma sociedade mais justa, democrática e equânime. Este relatório registra e compartilha os principais momentos, discussões e encaminhamentos desse encontro.



1º DIA
27/11/2024



CAMINHOS SE FAZEM A PARTIR DO QUE É VIVO. REDES SE TECEM A PARTIR DO QUE É ENCONTRO.

Durante a abertura do Encontro Nacional 2024, Alice Lima, integrante da Secretaria Técnica e Executiva da RedEscola, deu início às atividades, dando as boas-vindas a todos os presentes. Foi realizado o acolhimento dos representantes das instituições formadoras que integram a RedEscola em todo o Brasil, assim como dos demais convidados e participantes do evento.

Foi destacada a importância do apoio institucional para a realização do encontro, expressando um agradecimento especial à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), pela constante receptividade e pela oferta de um espaço historicamente significativo para a saúde pública brasileira. Também foram reconhecidos o apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), cuja parceria tem sido fundamental para o desenvolvimento das atividades da rede.

Relembrando momentos marcantes, foi citado o evento ocorrido no final de 2023, em Brasília, que celebrou os 15 anos da RedEscola e destacou a trajetória da rede e seus impactos na educação e na saúde pública do país. Desde então, o grupo seguiu enfrentando desafios e acumulando aprendizados e conquistas. Entre os marcos recentes, as oficinas regionais foram apontadas como experiências significativas de articulação e troca entre os participantes, viabilizadas pelo comprometimento das instituições formadoras e o suporte das entidades parceiras.

Ressaltou-se o papel do Grupo de Condução da RedEscola, que com seu empenho e dedicação, tem sido essencial para manter viva a essência colaborativa da rede. Mais do que uma rede de instituições, foi reforçado que a RedEscola representa um espaço de fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), de promoção da formação em saúde e da construção coletiva de políticas públicas voltadas para a população brasileira. O Encontro Nacional é reconhecido como compromisso coletivo com a educação em saúde e promoção da equidade e justiça social.

Antes da abertura oficial com os convidados da mesa, foi feita a leitura de um texto de boas-vindas. A mensagem trouxe uma reflexão poética sobre a construção de redes vivas a partir dos encontros. Ressaltou-se que os vínculos entre as pessoas e instituições são melhor representados por “laços” do que por “nós”, pois o movimento, a flexibilidade e a sustentação estão na base dessa rede. Mencionou-se também a trajetória do SUS ao longo de seus 34 anos, atravessando diversos contextos políticos, sempre sustentado por esses laços de resistência e solidariedade.

Mesa de abertura

A mesa de abertura foi composta por Livia Milena Barbosa de Deus e Mello, Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES/SGTES/MS); Elaine Junger Pelaez, Conselheira Nacional de Saúde e integrante da Comissão de Recursos Humanos e Relações do Trabalho (CIRHRT/CNS); Cristiani Vieira Machado, Vice-Presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); Eduardo Alves Melo, Vice-Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz); Márcia Cristina Rodrigues Fausto, Coordenadora da Secretaria Técnica e Executiva da RedEscola (ENSP/Fiocruz/STE-RedEscola); e Célia Maria Borges da Silva Santana, representante do Grupo de Condução da RedEscola e diretora da Escola de Governo e Saúde Pública de Pernambuco (ESPPE). Os membros da mesa realizaram as falas de abertura, marcando o início oficial do Encontro Nacional 2024.

Livia Milena Barbosa de Deus e Mello (DEGES/SGTES/MS)



Iniciou sua fala, destacando a importância dos atores presentes na mesa, como representantes fundamentais na articulação do processo de retomada da RedEscola ao longo dos últimos anos. Livia também reconheceu o protagonismo dos participantes na construção de uma agenda ascendente e participativa, ressaltando que, segundo relatos de membros da rede, essa foi a mobilização mais regionalizada e engajada nos estados que se concretizou recentemente.

Seguiu mencionando a primeira reunião realizada na SGTES com Eduardo Melo e Márcia Fausto, que marcou o início do projeto de retomada da RedEscola. Explica, que na ocasião, definiram-se os objetivos centrais da iniciativa, sendo o primeiro deles a consolida-

ção de uma governança participativa da rede. Destacou-se que ainda há desdobramentos importantes a serem realizados, especialmente no campo da formação pedagógica das escolas, considerando o caráter específico das escolas do SUS, que são instituições voltadas à formação de trabalhadores da saúde e que demandam processos pedagógicos próprios e contínuos de qualificação.

Foi enfatizada também, a importância da consolidação da pesquisa como um dos pilares da rede, esclarecendo que já existe um grupo de trabalho avançando na formulação de estratégias para fortalecer a pesquisa voltada à análise da implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, tanto na dimensão político-gerencial quanto nos processos educativos do SUS.

Lívia apontou o fortalecimento da governança, da formação pedagógica e da pesquisa, como o tripé fundamental da rede, alinhado com a agenda política do atual governo federal, que preza pela retomada do federalismo cooperativo e participativo. A fala também incluiu uma mensagem da secretária Isabela Pinto, que, mesmo ausente por compromissos institucionais como a preparação da 4ª Conferência Nacional de Ação, Trabalho, Educação e Saúde e a participação na Comissão Intergestores Tripartite (CIT), reafirmou o compromisso com a continuidade dessa agenda.

Foi ressaltado ainda o esforço do governo atual em reativar instâncias importantes de participação e governança, como a Mesa Nacional de Negociação Permanente, a Câmara de Regulação do Trabalho, a Câmara de Dimensionamento da Força de Trabalho, além da própria RedEscola e da Caravana FormaSUS. Essas ações refletem um esforço de reconstrução coletiva, reunindo universidades, movimentos estudantis e diversos atores essenciais ao fortalecimento do SUS.

A fala também refletiu sobre o processo de legitimação do SUS, que apesar de ser garantido em lei, ainda busca reconhecimento e valorização prática por parte da sociedade e de gestores. Tal situação também se aplica às escolas do SUS e à agenda da Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, que mesmo com duas décadas de existência da SGTES, ainda enfrentam desafios de reconhecimento dentro das secretarias estaduais e municipais.

Para finalizar, Lívia parabenizou a participação ativa dos presentes e reafirmou a disposição da SGTES para seguir colaborando nos próximos passos dessa construção coletiva da RedEscola.



Elaine Junger Pelaez
(CIRHRT/CNS)



Destacou a relevância do evento no contexto da 4ª Conferência Nacional de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, prevista para este ano. Em nome do presidente Fernando Pigatto, da coordenadora da CIRHRT, Francisca Valda, e dos coordenadores adjuntos João Pedro e Vitória, foram enviados cumprimentos a todos os participantes, reconhecendo-os como parte fundamental da construção e sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Elaine ressaltou que os participantes da RedEscola representam a trajetória do SUS e a luta constante pela consolidação de uma sociedade democrática. Ao abordar a formação e a educação em saúde, foi enfatizada a necessidade de práticas que estejam alinhadas à defesa da equidade, da superação das desigualdades sociais e da promoção da autonomia e transformação social.

Outro ponto destacado, foi a importância de considerar a diversidade e a pluralidade do país nos processos de formação em saúde, respeitando a ancestralidade, os saberes tradicionais e populares, e reconhecendo a saúde como expressão das condições de vida e de trabalho. A representante reforçou a urgência de dialogar com as diferentes realidades regionais do Brasil e de assegurar que as práticas formativas sejam efetivamente inclusivas.

Foi também abordado o desafio de garantir representatividade nos espaços de formulação e decisão em saúde, com atenção especial às pautas de gênero, identidade de gênero, raça, sexualidade e os direitos das mulheres. Nesse contexto, mencionou-se o Programa Nacional de Equidade no Trabalho em Saúde como um avanço importante para lidar com essa realidade desafiadora.

A fala também relacionou o tema da formação à valorização do trabalho, defendendo condições dignas, seguras e justas para os trabalhadores da saúde. A precarização das relações de trabalho foi criticada, e destacou-se a necessidade de uma formação alinhada à realidade da classe trabalhadora em sua diversidade.

Elaine relembrou a participação recente no Congresso da **ABRASME**, realizado em Belém, quando foi enfatizada a importância de construir práticas que dialoguem com as especificidades do norte do país, chamando atenção para o risco de invisibilizar determinadas regiões nos eventos centralizados no sudeste do país.

Para finalizar, em nome do Conselho Nacional de Saúde, reafirmou o compromisso com a construção coletiva do SUS e com a luta por um sistema que atenda de forma integral e equitativa a toda a população. A fala foi encerrada com uma citação poética que simboliza o potencial transformador e coletivo dos participantes, convocando-os a somar forças, afetos e lutas na construção de um novo amanhã para o SUS.



**Cristiani Vieira Machado
(FIOCRUZ)**

Demostrou grande satisfação em participar do evento, transmitindo cumprimentos do presidente da instituição, Mário Moreira, e da equipe da Educação da Presidência. Ela ressaltou a importância da parceria entre a Fiocruz e a RedEscola, destacando o privilégio de a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) sediar a Secretaria Executiva da rede.

Cristiani lembrou com entusiasmo do encontro nacional realizado em 2023, que celebrou os 15 anos da RedEscola, ressaltando o clima de euforia e reencontro vivenciado na ocasião. Ela valorizou o envolvimento das instituições e profissionais, em sua maioria mulheres, na retomada e fortalecimento da rede.

Enfatizou-se o caráter extraordinário de se contar com uma rede composta por 67 escolas de saúde pública no Brasil, ressaltando o reconhecimento internacional desse modelo, especialmente quando comparado a países parceiros de cooperação, que muitas vezes enfrentam dificuldades para manter uma única escola ativa.

Cristiani também elogiou as iniciativas da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), sobretudo a condução de um trabalho articulado e federativo, com valorização da participação social e do controle social, em consonância com as diretrizes democráticas do atual governo.

Durante sua fala, reforçou a relevância da RedEscola no enfrentamento dos desafios relacionados à qualificação profissional e à rotatividade de trabalhadores no SUS. Destacou a importância de pensar a formação em saúde de forma ampla, não apenas técnica, mas também como um processo de construção de valores, saberes e fortalecimento do bem co-

mun, especialmente frente aos ataques recentes ao conhecimento, à ciência e ao direito à informação.

Para finalizar, considerou que as oficinas regionais realizadas ao longo do ano contribuíram para renovar as energias da rede e fortalecer sua articulação. Transmitiu o desejo de que os dois dias de encontro, gerem ainda mais entusiasmo e disposição para o trabalho coletivo, com as escolas atuando de maneira integrada na defesa e no fortalecimento do SUS.

Eduardo Alves Melo
(VDEGS/ENSP/FIOCRUZ)



Destacou a importância da presença dos participantes vindos de diferentes regiões do país e expressou votos de que os dois dias de atividades seriam produtivos. Aproveitou para parabenizar a equipe da SGTES, pelo trabalho intenso de retomada de políticas e iniciativas fundamentais, bem como pelo apoio consistente e estratégico dado à RedEscola, o que tem permitido a concretização de diversas ações, inclusive a realização do próprio evento.

Eduardo ressaltou também, a contribuição da vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz, Cristiani Machado, na articulação com o Ministério da Saúde e reconheceu a presença do Conselho Nacional de Saúde e do Grupo Condutor, enaltecendo o papel colaborativo de todos os envolvidos. A atuação da Secretaria Executiva da RedEscola, coordenada por Márcia Fausto e sua equipe, também foi apontada como essencial para o processo de retomada da rede.

Foi enfatizado em sua fala, que o SUS, além de um campo de prática, deve ser compreendido como um espaço formador em si, com instituições e agentes formadores distribuídos por todo o país. Ressaltou que essa capacidade formativa é uma conquista histórica, construída ao longo do tempo, e que se expressa de maneira concreta através da RedEscola. Sublinhou que essa rede representa a diversidade e a riqueza do SUS, sendo sustentada por um espírito de colaboração e cooperação, contrastando com a lógica competitiva ainda predominante em muitas esferas da sociedade.

Eduardo também mencionou que, apesar das tensões e divergências naturais nos processos democráticos, a colaboração é central para o fortalecimento da democracia, do SUS

e da formação em saúde, e que o trabalho em rede precisa valorizar tanto a diversidade institucional quanto as especificidades locais e regionais.

Em sua fala, expôs a importância das oficinas regionais realizadas ao longo do último ano, com grande mobilização das instituições da rede, trazendo visibilidade para as particularidades de cada território e reforçando a articulação nacional da RedEscola. Considerou que esse movimento coletivo reafirmou a capacidade da RedEscola de contribuir com a formulação e implementação de políticas públicas de saúde.

Para encerrar, ressaltou que a temática Educação em Saúde e Articulação Interinstitucional, é muito oportuna. Argumentou que a gestão da educação na saúde precisa ser pensada em articulação com a gestão do trabalho, respeitando suas especificidades, mas reconhecendo que ambas compartilham o desafio de integrar instituições e políticas em níveis diversos.



**Célia Maria Borges da Silva
Santana (ESPPE)**

Iniciou destacando a responsabilidade de representar um coletivo democrático, composto por 67 instituições públicas comprometidas com a defesa e o fortalecimento do SUS. Enfatizou o papel da RedEscola como um espaço privilegiado de diálogo, resistência e construção coletiva, valorizando sua diversidade institucional e seu caráter público.

Célia ressaltou a relevância do tema do encontro, que foi construído de forma coletiva, e sua pertinência ao contexto nacional e internacional. Trouxe questões de debates recentes, como um seminário internacional em que foram abordadas questões como a financeirização do SUS e os desafios relacionados à gestão do trabalho e da educação na saúde.

Destacou a importância da reconstrução das políticas públicas em um cenário de retomada democrática, reconhecendo o papel fundamental da SGTES pelo trabalho em diversas frentes. Apontou, também, a relevância das escolas de saúde pública, instituições que antecedem o SUS e que se reafirmam como peças-chave na sua consolidação, atuando

diretamente na formação e qualificação dos trabalhadores da saúde, no fortalecimento do controle social e no apoio à gestão. Enfatizou que o destaque a essas escolas não representa disputa com universidades, mas sim um reconhecimento do trabalho cotidiano e da responsabilidade que essas instituições assumem na defesa do SUS.

Célia ressaltou o papel integrador das escolas na articulação entre os serviços, a formação e a gestão, defendendo a educação na saúde como uma pauta estratégica, que ultrapassa o aspecto técnico e se coloca como ação política essencial à sustentabilidade do sistema.

Em sua fala, também as oficinas regionais realizadas ao longo do ano, foram destacadas como viabilizadoras de maior integração entre as instituições e promotoras de discussões locais importantes. As produções dessas oficinas, como as cartas regionais, foram destacadas como expressões legítimas das especificidades locais e dos consensos construídos em torno da defesa do SUS, com destaque para os temas do financiamento das ações e da sustentabilidade institucional das escolas públicas de saúde.

Célia chamou atenção para a importância da 4ª Conferência Nacional de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde e do alinhamento das atividades da RedEscola às pautas da conferência. Reforçou a urgência na implementação dos projetos de formação e pesquisa atualmente em curso na RedEscola, reconhecendo os desafios e a necessidade de implicação de todas as instituições na sua execução.

Para finalizar, agradeceu a presença de representantes do controle social de Pernambuco e de outras instituições participantes, reforçando o compromisso coletivo com a luta em defesa do SUS.

**Márcia Cristina Rodrigues
Fausto (ENSP/FIOCRUZ/
STE-REDESCOLA)**



Começou agradecendo a presença de todos no Encontro Nacional, destacando que a realização do evento na Escola Nacional de Saúde Pública, é de grande importância, pois trata-se de um local de grande representatividade para as lutas e formações voltadas ao SUS e à saúde pública. Ressaltou a alegria do processo coletivo para realizar o encontro, apesar

de uma agenda intensa, reconhecendo o esforço conjunto para garantir que a agenda ocorresse ainda no ano de 2024.

Márcia destacou que o evento simboliza a mobilização e o comprometimento das instituições envolvidas, reforçando que a pauta da educação na saúde é compartilhada por todo o coletivo. Complementou, dizendo que a relevância da RedEscola, segundo ela, foi amplamente reconhecida nas falas anteriores, deixando de ser uma responsabilidade de uma só pessoa, para se tornar um consenso entre os participantes.

Prosseguiu dando destaque para a importância das oficinas regionais que precederam o encontro, avaliando que foram fundamentais para identificar desafios, formular proposições e para fortalecer o sentimento de pertencimento e articulação entre as instituições.

Márcia reforçou que o encontro nacional foi apontado como um espaço de consolidação de trocas e de fortalecimento da rede. Foram destacados os resultados das oficinas, os posicionamentos das cartas e estratégias regionais, como as desenvolvidas na região Norte, que consideraram suas particularidades. Márcia finalizou enfatizando sua disposição em continuar no trabalho junto à RedEscola, destacando o valor que **encontra** em cada encontro e na convivência com as escolas.



Mesa Redonda: Educação na Saúde na contemporaneidade



A mesa foi composta por Márcia Teixeira (Departamento de Administração e Planejamento em Saúde/ENSP/Fiocruz), Tatiana Wargas de Faria Baptista (Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira – IFF/Fiocruz) e Nildo Alves Batista (professor titular sênior da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP). A mediação ficou a cargo de Eduardo Melo, vice-diretor da Escola de Governo e Saúde da ENSP/Fiocruz, que assumiu a condução da mesa em substituição ao diretor Marco Menezes, ausente por conflito de agenda. Antes de iniciar as exposições, o mediador fez uma breve introdução, destacando o prazer em participar do evento e agradecendo aos organizadores pelo convite.

Em sua fala inicial, Eduardo Melo ressaltou a relevância do tema, enfatizando que formação e trabalho, embora apresentem especificidades, não devem ser tratados de forma dissociada. Destacou a contribuição da professora Márcia Teixeira para esse debate, mencionou a trajetória do professor Nildo Batista, com quem compartilha vínculos desde o movimento estudantil, e reconheceu seu papel nas discussões sobre formação docente e políticas educacionais. Sobre Tatiana Wargas, ex-vice-diretora de ensino da ENSP, sublinhou sua importante atuação na reflexão sobre os desafios socio sanitários contemporâneos e suas implicações para o SUS. Encerrou sua introdução destacando a complementaridade das perspectivas trazidas pelos participantes e convidou Márcia Teixeira para iniciar sua apresentação.



Márcia Teixeira (DAPS/ ENSP/FIOCRUZ): Marcos contemporâneos das relações do trabalho e desafios apontados para os Sistemas Universais de Saúde.

Márcia Teixeira iniciou sua fala destacando a importância do trabalho em rede como um pilar fundamental para a consolidação e resistência do SUS ao longo de mais de 30 anos, mesmo diante de desafios, avanços e retrocessos. Reforçou que a atuação em rede contribui para reduzir assimetrias e mobilizar afetos e forças coletivas frente aos desafios da gestão do trabalho e das políticas públicas de saúde.

Prosseguiu em sua apresentação, reforçando que o processo da gestão do trabalho tem muitos desafios, com muitas penosidades pelo caminho. Fez uma reflexão, dizendo que esses desafios possivelmente não se restringem ao Brasil, mas ao mundo do trabalho como um todo, e diante deles, deve haver um movimento coletivo para pensar em estratégias e ideias para enfrentamento dessa realidade.

Márcia Teixeira apresentou uma pesquisa em desenvolvimento, encomendada pelo Ministério da Saúde, com objetivo de realizar um diagnóstico sobre as relações de trabalho nos diferentes modelos de gestão presentes no SUS. O foco do estudo é analisar os aspectos jurídicos e contratuais, sem entrevistar trabalhadores neste primeiro momento, dada a dificuldade de acesso a esses profissionais e pelo fato do interesse maior atual, ser na legislação de cada um desses modelos. A equipe da pesquisa conta com profissionais de diversas instituições e perfis, com experiências em gestão pública, pesquisa e ensino.

Apontou como exemplo, a heterogeneidade entre leis de OSs, enquanto umas algumas autorizam a complementação salarial de servidores públicos, outras a proíbem e outras permitem apenas em cargos comissionados. Tais diferenças, segundo ela, impactam diretamente na organização do trabalho e nos direitos dos profissionais.

Márcia Teixeira explicou que a equipe de pesquisa também estabeleceu diálogo com órgãos como Tribunais de Contas e instituições parceiras na tentativa de obter acesso às peças contratuais, que segundo ela, muitas não estão disponíveis publicamente.

Ressaltou que a partir dos anos 1990, diferentes modelos de gestão vêm sendo introduzidos e disputam espaço no SUS. Apresentou uma retrospectiva histórica, alinhando os modelos à orientação política de cada governo federal. A pesquisadora destacou a diversidade dos modelos de gestão no SUS, que incluem organizações sociais (OS), organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIP), fundações estatais, empresas públicas como a EBSEH, parcerias público-privadas (PPPs) e mais recentemente o modelo de credenciamento de profissionais. Essa variedade de arranjos se expandiu nos últimos 26 anos, acompanhando diferentes visões de Estado apresentadas nos planos de governo ao longo das gestões federais, desde o Estado mínimo, passando pelo Estado como solução, até o Estado subsidiário e, mais recentemente, o Estado em reconstrução.

Márcia Teixeira falou da complexidade das legislações envolvidas e a variabilidade entre os contratos, demonstrando a falta de uniformidade e de transparência no processo de contratualização. Destacou que o acesso às informações é difícil ou condicionado a pagamentos elevados, o que fere o princípio da transparência pública. Além disso, chamou atenção para o crescimento da chamada “plataformização” do trabalho em saúde, com destaque para empresas que oferecem serviços médicos por meio de plataformas digitais, muitas vezes precarizando as relações de trabalho.

Caminhando para o final de sua apresentação, ela sugeriu transformar os achados em materiais didáticos, cursos e publicações que possam ser utilizados pelas escolas do SUS para disseminação do conhecimento. Sustentou que o registro da trajetória do trabalhador no SUS seja reconhecido como um direito individual, com informações acessíveis ao próprio trabalhador. Concluiu ressaltando a importância de reunir esforços institucionais para superar as barreiras de transparência e construir um modelo de gestão do trabalho mais justo, democrático e articulado com os princípios do SUS.



Tatiana Wargas (IFF/FIOCRUZ):
Desafios socio sanitários
contemporâneos e
competências profissionais
necessárias para a formação
dos sistemas de saúde
comprometidos com a inclusão
social e a garantia do acesso
integral.

Tatiana Wargas começou destacando o quanto momentos como o encontro, são significativos para fortalecer os laços e afetos que sustentam o trabalho em rede, que é essencial para a atuação coletiva no campo da saúde. Indicou que o tema proposto para sua fala é denso e amplo e que suscita reflexões importantes para o campo da formação, da gestão e das políticas públicas em saúde.

Falou da relevância de considerar o contexto histórico e social atual como elemento fundamental para qualquer discussão sobre saúde pública, ressaltando que para compreensão dos desafios contemporâneos, é preciso uma análise de conjuntura para além do presente imediato, sendo necessário observar as transformações estruturais mais amplas que impactam o sistema de saúde e suas práticas formativas.

Tatiana Wargas compartilhou sua participação na coordenação da elaboração do Plano Diretor da área de Política, Planejamento e Gestão da Abrasco, junto a outros profissionais, destacando a importância de iniciar esse tipo de construção a partir de uma análise de conjuntura. Relembrou, que no processo de planejamento é essencial observar continuamente o contexto em que se está inserido, uma vez que a formação em saúde não pode ser dissociada do cenário social, político e histórico.

Segundo ela, para refletir sobre a formação profissional, é necessário revisitar o passado, entender os dilemas enfrentados e pensar em que direção se pretende seguir. Apontou que os desafios contemporâneos não se limitam à realidade brasileira, estendendo-se também ao contexto latino-americano e global, o que reforça a complexidade da conjuntura atual.

No campo da saúde, destacou a persistência das históricas desigualdades sociais no Brasil, que apesar de alguns avanços, grande parte dessas desigualdades permanecem inaceitáveis. Ao tratar da inclusão social e do acesso ao SUS, Tatiana sublinhou que grande parte da população atendida pelo SUS vive em condições de precariedade, com ausência de direitos básicos como educação e saneamento. Diante desse cenário, enfatizou a necessidade de lidar com essas realidades e de fortalecer o SUS para promover um atendimento eficaz às populações mais vulneráveis.

Tatiana falou sobre um estudo recente que traz o perfil da riqueza no Brasil, mostrando que, ao longo dos últimos 100 anos, não houve mudanças significativas na estrutura dos mais ricos do país. Por outro lado, houve variações nos níveis de pobreza, com muitos se tornando ainda mais vulneráveis. Esse cenário de precarização crescente tem impactado diretamente a população usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), e seus trabalhadores, que muitas vezes enfrentam condições precárias e dependem do próprio sistema para acessar direitos básicos.

Destacou que os desafios socio sanitários enfrentados no Brasil são profundos e complexos, especialmente diante da naturalização das situações de vulnerabilidade e violência. Um exemplo citado, foi o assassinato de um jovem trabalhador da zona norte do Rio de Janeiro, cuja história ilustra a forma como desigualdades estruturais afetam diretamente a saúde da população. O sofrimento de familiares, como o da mãe do jovem, reflete-se em adoecimentos físicos e emocionais que acabam sendo atendidos pelos serviços públicos de saúde, sem que a verdadeira origem do sofrimento seja compreendida ou considerada no cuidado prestado.

Tatiana apontou que também existe dificuldade de profissionais de saúde em lidar com essas realidades, devido à sobrecarga de trabalho e à falta de tempo para escutar e construir vínculos com os usuários. Reforçou que tal realidade, revela um dos grandes desafios do SUS, que é a promoção de uma atenção integral que realmente considere o contexto social e emocional dos usuários.

Nesse mesmo mote, destacou a trajetória de uma mãe, integrante do movimento das Mães de Maio, que surgiu a partir da dor coletiva de mães que perderam seus filhos em situações de violência estatal. Após vivenciar essa perda e adoecer emocionalmente, essa mãe se engajou no movimento, percebeu o interesse acadêmico sobre essas vivências e decidiu ocupar o espaço da pesquisa e da formação, mesmo sem formação acadêmica tradicional. Hoje, ela atua na USP, contribuindo na formação de profissionais de saúde, defendendo o direito de estar presente nas discussões que envolvem sua própria realidade.

Tatiana levantou um desafio importante no campo sócio sanitário, que é a distância entre as universidades, os centros de pesquisa, os serviços de saúde e os saberes oriundos dos movimentos sociais. Ressaltou a importância de escutar e aprender com os usuários e com as comunidades, especialmente aquelas mais afetadas pela violência e exclusão social, e refletir sobre como incorporar essas vivências na construção de políticas públicas e práticas profissionais transformadoras.

Trouxe também, a necessidade de retomar a articulação com movimentos sociais, como foi feito nas décadas de 1970 e 1980, período que mobilizou frentes acadêmicas, sociais e comunitárias, visando a criação do SUS. Relembra que essa mobilização, além de prática, foi também teórica, gerando reflexões sobre planejamento, ação e a construção de um Estado mais justo. Assim, ela convidou os profissionais da saúde a pensar como reconstruir essa articulação na atualidade, enfrentando os desafios complexos da desigualdade e da exclusão social.

Tatiana reforçou a exposição feita por Márcia Teixeira, sobre a complexidade atual da gestão no Sistema Único de Saúde (SUS), com os modelos de gestão vigentes e a falta de

transparência nas organizações privadas que atuam no setor público. Problematicou a fala de que, mesmo com a existência da Lei de Acesso à Informação, essas entidades não são obrigadas a prestar contas da mesma forma que os órgãos públicos, o que compromete o controle social e dificulta o entendimento sobre quem realmente está gerindo o sistema.

Disse que esse contexto tem levantado importantes discussões no campo da política e do planejamento em saúde, especialmente sobre o que se entende hoje por gestão pública. Foram levantadas reflexões sobre quais teorias e metodologias fundamentam as práticas atuais e quais caminhos estão sendo seguidos, considerando o crescente distanciamento entre o público e a execução das ações de saúde.

A partir disso, Tatiana fez uma conexão com a formação de competências profissionais, retomando o exemplo da mãe integrante do movimento das Mães de Maio, que passou a participar da formação de profissionais de saúde na USP. Em sua fala, trouxe que os profissionais, muitas vezes não compreendem as realidades vividas por pessoas que sofreram perdas violentas e, por isso, é essencial que tenham contato direto com essas experiências.

Seguiu, enfatizando que a construção de competências e habilidades na saúde pública deve ocorrer por meio do diálogo com a diversidade e da escuta atenta das histórias trazidas pelos próprios profissionais em formação. Tatiana reforçou que valorizar essas vivências, pode tornar a formação mais crítica e alinhada aos desafios reais enfrentados pelo SUS.

Finalizou sua exposição, resgatando a fala de uma integrante da mesa de abertura, que trouxe a quantidade de escolas existentes na RedEscola, destacando sua potência. Disse que se o SUS existe ainda hoje, não é por outra coisa senão pela capacidade dessas pessoas que estão nas redes, que estão nas escolas, que estão nos serviços de saúde, que sustentam uma ideologia, sustentam uma vontade de ser e de mudança.



Nildo Alves Batista (UNIFESP – Baixada Santista): Desafios para as políticas de formação na saúde.

O professor Nildo Alves Batista, da Unifesp Baixada Santista, expressou, ao iniciar sua fala no evento da RedEscola, gratidão e emoção. Ele celebrou sua primeira interação direta com a comunidade da RedEscola, destacando o significado especial de estar presente. Além

disso, compartilhou a emoção vivida ao entrar no auditório da Escola Nacional de Saúde Pública, local que evoca memórias de seu tempo com o professor Sérgio Arouca nas décadas de 1980 e 1990.

Após as falas dos colegas, ele expressou a admiração pela potência das intervenções e a importância do trabalho apresentado por Márcia Teixeira (ENSP/Fiocruz) enfatizando a necessidade de maior divulgação dos modelos de gestão alternativa no SUS. Foi também gratificante para ele seguir a fala de Tatiana Wargas (ENSP/FIOCRUZ), à qual planejava dar continuidade. A mesa redonda teve como foco a educação na saúde na contemporaneidade, e coube a ele abordar os desafios para as políticas de formação em saúde.

Ele se descreveu como um homem branco, cis, mineiro e professor, com uma trajetória inteiramente ligada às universidades públicas. Sua carreira iniciou-se na Medicina, que rapidamente o conduziu para o ensino, inicialmente em educação médica e, subsequentemente, expandindo para o ensino nas profissões de saúde em geral, sempre explorando a relação entre saúde e educação.

Recentemente aposentado como professor sênior da Universidade Federal de São Paulo, ele permaneceu ativo no Centro de Desenvolvimento do Ensino em Saúde. Seu trabalho se concentrou na formação docente na área da saúde e na importância das competências docentes, que ele identificou como frequentemente negligenciadas na formação de professores focados exclusivamente em suas áreas específicas.

Ele teve a oportunidade de participar da expansão das universidades públicas e propôs o projeto pedagógico de um campus em formação, onde defendeu a necessidade de ir “além da excelência de formar profissionais de saúde”, enfatizando a formação de profissionais que colaborassem no cuidado à saúde e na integralidade da atenção. Nesse contexto, ele se aproximou da educação interprofissional, embora tenha ressaltado que esse não era o foco principal de sua fala.

Durante sua exposição sobre a educação na saúde na contemporaneidade, ele refletiu brevemente sobre como essa educação é percebida como uma “interface de duas áreas, de dois campos complexos, interdisciplinares por excelência, tanto a educação como a saúde”. Ele identificou três grandes dimensões da educação na saúde: a formação de profissionais, a formação nos serviços e a educação em saúde, embora não tenha se aprofundado nesta última durante sua fala.

Nildo destacou a educação como essencial para pensar na formação de profissionais de saúde, ressaltando o papel das escolas, escolas técnicas e universidades na preparação da força de trabalho para o Sistema Único de Saúde. Abordou também a formação contínua nos serviços de saúde, enfatizando a “educação permanente” como um processo necessário ao longo da carreira profissional.

Por fim, ele discutiu a relevância da contemporaneidade. A contemporaneidade foi interpretada por ele como um reflexo do Sistema Único de Saúde, um “projeto ético-societário” que ainda enfrenta desafios para manter sua missão. Ele concluiu refletindo sobre a desigualdade social como uma característica marcante do Brasil atual, apontando para a necessidade de avançar em “educação antirracista”, igualdade e equidade, valorizando a diversidade em todas as instâncias formativas.

Ele abordou a diversidade nas suas mais variadas formas, destacando como essa diversidade “nos convida a novas epistemologias, a epistemologias plurais, a epistemologias decoloniais”, essenciais para avançar na educação na saúde na contemporaneidade. Ressaltou ainda o impacto das mudanças climáticas, que “cada vez nos assustando e nos chegando mais próximos”, instigando a responsabilidade individual no processo.

Em um seminário recente sobre formação docente, Nildo discutiu a necessidade de os docentes estarem atentos a esses aspectos contemporâneos, não se limitando apenas ao preparo pedagógico. Citando Cecília Meirelles, ele refletiu: “hoje, desaprendo o que tinha aprendido até ontem e que amanhã recomencerei a aprender”, evidenciando a dinâmica contínua da educação na saúde.

Ele ponderou sobre o conceito de formação, enfatizando que, mesmo na divisão didática das três dimensões da educação na saúde, a formação é contínua e não se encerra em um momento específico. Valorizou uma citação de Figueiredo, que descreve que “formar é proporcionar uma forma, mas não modelar uma forma”, ilustrando o objetivo da educação como fornecer um contexto no qual o aprendizado pode se desenvolver.

Nildo trouxe a contribuição da Prof^a Sylvia Helena Batista sobre a ideia de que a formação possui uma “intencionalidade que opera tanto nas dimensões subjetivas (caráter, mentalidade) como nas dimensões intersubjetivas”, incluindo os desdobramentos no mundo do trabalho.

Ele apontou desafios na formação no mundo atual, como a incompatibilidade entre o perfil profissional formado e as necessidades sociais e de saúde, e a dificuldade dos profissionais de trabalharem juntos e de adotarem uma abordagem integral no cuidado.

Enfatizou a necessidade de “pactos” nas políticas públicas e nos planejamentos curriculares e de avaliação, assim como na cultura institucional das escolas. Reconheceu a importância do financiamento para enfrentar esses desafios, sublinhando a complexidade e a necessidade de projetos que se comprometam com práticas transformadoras. Além disso, trouxe Paulo Freire ao diálogo, destacando sua discussão sobre a esperança e citando que “a esperança não floresce na apatia”, desafiando todos, desde pedagogos a políticos, a lutar pela esperança contra a apatia das massas e às vezes de si mesmos.

Ele expressou sua contínua dedicação à esperança, mencionando que “não posso desistir da esperança, porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica”. Ele reforçou a essência da esperança como fundamental para a humanidade, afirmando que “a esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim, como o ar que respiro”. Sublinhou a grande importância da esperança, comparando-a ao ar necessário para a vida, e destacou que “Se não houver esperança, não tem por que continuar a história. A esperança é a história.”

Ao discutir os desafios das políticas de saúde e educação, ele reconheceu que o tema era amplo e que foram necessários vários recortes para abordá-lo. Ele descreveu os desafios em três dimensões: macro, meso e micro. Na dimensão macro, enfatizou a importância das diretrizes curriculares e das políticas indutoras, observando a “sustentabilidade das políticas indutoras” como essencial e celebrando as ações compartilhadas entre os ministérios da saúde e educação.

Na dimensão meso, ele falou sobre a necessidade de articulação entre diferentes áreas da saúde, mencionando a importância da educação interprofissional e das competências colaborativas. Argumentou que “é importante que olhemos, a questão da formação e desenvolvimento docente, mas de maneira muito especial e puxando um pouquinho para uma das políticas que hoje eu acho importante, que é a articulação entre aprendizagem de competências.”

Na dimensão micro, ele se voltou para o cotidiano dos envolvidos na formação, discutindo “os papéis dos e das diferentes sujeitos, sujeitas envolvidos nessa formação”. Ele enfatizou a importância do cuidado interprofissional e da colaboração no contexto de trabalho e na formação, propondo uma reflexão sobre como “o cuidado integrado, o cuidado que os vários saberes se somam na formação.”

Ele retornou a Paulo Freire, citando “o ‘inédito viável’ é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um ‘percebido-destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade.”

Concluiu sua fala com uma citação de Ailton Krenak, “temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida.”

Agradeceu calorosamente ao público, reiterando seu compromisso com a transformação através da educação e da esperança.



Debate da Mesa Redonda: Educação na Saúde na Contemporaneidade

Na sequência, **Eduardo Alves Melo (VDEGS/ENSP/Fiocruz)**, mediador da mesa redonda, abriu para uma rodada inicial de cinco intervenções.



Carlos Leonardo Figueiredo Cunha (UFMA/DSP): “Bom dia! Eu sou o Carlos Leonardo Cunha, professor do Departamento de Saúde Pública da UFMA. Primeiro, gostaria de parabenizar a mesa pelas reflexões provocadas, que certamente contribuirão significativamente.”



Ele expressou solidariedade com os desafios enfrentados pela professora Márcia Teixeira, especialmente relacionados à obtenção de informações sobre a assistência suplementar a servidores públicos, destacando a orientação da professora Lígia Bahia em sua tese de doutorado. “A dificuldade de acesso a essas informações, principalmente nos contratos dos planos de saúde com instituições como Sírrio-Libanês e Albert Einstein, revela a complexidade dos esquemas assistenciais.”

Carlos abordou a importância de estudar a privatização na educação e no trabalho, criticando a visão romântica frequentemente associada ao Sistema Único de Saúde (SUS) e alertando para a incursão do capital privado e estrangeiro. “Muitas vezes, a gente tem uma visão muito poética do SUS, e está lá o capital privado entrando.”

Ele também mencionou seu trabalho orientando uma dissertação sobre os vínculos empregatícios dos profissionais na atenção primária, destacando as diferenças regionais e os desafios trazidos por reformas como a trabalhista e da Previdência. Carlos tocou no tema da “pejotização” do trabalho no ensino e na preceptorial no âmbito do SUS, observando como as instituições privadas estão lotando o cenário educacional do SUS e precarizando o trabalho. “A pejotização do trabalho no ensino é uma realidade; é um movimento que estamos discutindo.”

Finalizando, ele refletiu sobre o papel das instituições de ensino público na devolutiva ao serviço, questionando como podem fortalecer suas contribuições em termos de tecnologia, produção de conhecimento e identificação de vagas para aprimoramento acadêmico no serviço. “Como podemos nos fortalecer, fazendo uma autocrítica, enquanto instituição de ensino público?”

Maria de Jesus Dias (ESPPI): “Bom dia a todos e a todas! Eu sou Jesus Dias, da Escola de Saúde Pública do Estado do Piauí.”

Maria de Jesus Dias fez uma breve descrição pessoal e expressou seu prazer em participar do evento, destacando a importância das conexões formadas através da educação e a influência de figuras como Márcia Teixeira e Tatiana Wargas em sua trajetória acadêmica. “É um prazer estar aqui com pessoas tão especiais. Márcia Teixeira, nossa professora do primeiro mestrado profissional, e Tatiana Wargas, cujo texto do Movimento Sanitário à Contemporaneidade decorei para uma seleção nacional.”

Ela abordou desafios enfrentados pelas Secretarias de Estado da Saúde, que estão frequentemente “pulverizadas por terceirizações” e mencionou a importância de reconhecer todos os trabalhadores dentro do sistema de saúde, inclusive os terceirizados. “Muitas vezes não são consideradas profissionais de saúde, mas fazemos um movimento contrário, dizendo que esse terceirizado é uma trabalhadora e um trabalhador do SUS.”

Maria de Jesús destacou um dos maiores desafios apresentados nas conferências municipais e estaduais, que é a situação dos trabalhadores que recebem pagamento em dinheiro físico e não possuem um processo de trabalho definido. “E aí como é que eu faço? Porque só vem meu nome e eu recebo dinheiro físico no final do mês e eu não tenho nenhum processo de trabalho. Como eu tiro férias?” Ela expressou a angústia e a responsabilidade sentidas ao enfrentar essas questões sem respostas claras.



**Márcia Cristina Rodrigues
Fausto (ENSP/FIOCRUZ/STE-
RedEscola)**

Márcia iniciou destacando a intenção do grupo em organizar a agenda do Encontro Nacional, focando nos desafios contemporâneos da formação no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). “Uma das questões centrais que a gente fez é exatamente isso, como a gente pensa a formação diante dos desafios que temos.”

Ela refletiu sobre as dificuldades encontradas nas oficinas realizadas, especialmente relacionadas ao trabalho e ao distanciamento da formação em relação às práticas de cuidado desejadas. “As oficinas que fizemos traziam esses elementos, a questão do trabalho, do distanciamento da formação, daquilo que se pretende que aconteça no cuidado à saúde.”

Márcia discutiu os impactos da organização do trabalho e das formas de contratação sobre a qualidade do cuidado no SUS, citando a alta rotatividade e a baixa valorização dos profissionais como desafios significativos. “Estamos falando de uma forma de organizar o trabalho, de fazer as contratações, de fazer a gestão do trabalho que tem impacto direto nesse cuidado.”

Ela também abordou a problemática da contratualização, anteriormente comum na atenção especializada, mas agora também presente na atenção primária.

Finalmente, Márcia enfatizou a necessidade de discutir esses temas a partir da perspectiva da mesa, refletindo sobre como lidar com os desafios da formação no SUS. **“Como é que lidamos com essa questão?”**

Lorena Albuquerque (DEGES/SGTES/MS): Lorena se apresentou brevemente, mencionando sua transição da Escola de Saúde Pública de Pernambuco para a equipe da SGTES no Ministério da Saúde, e expressou sua satisfação com a discussão da mesa, focando na educação-trabalho. “Eu fiquei muito feliz com essa fala da mesa, porque ela junta um tripé que a gente precisa, uma barreira que a gente precisa contrapor, superar, que é a discussão da educação vinculada ao trabalho.”

Ela discutiu as condições de trabalho dos profissionais de saúde, relacionando-as com a qualidade da assistência oferecida e criticando a “fetichização do processo privado na saúde.” Lorena refletiu sobre como as práticas do setor privado, focadas em quantitativos em vez de na complexidade dos casos, são erroneamente idealizadas e muitas vezes inapropriadamente aplicadas no setor público. “Existe um fetiche porque a grande maioria das pessoas de classe média não utiliza o SUS... E aí, muitas vezes, eu quero trazer essa lógica de trabalho e funcionamento para o setor público porque ela dá números.”

Além disso, ela salientou a importância das condições de trabalho e os vínculos empregatícios como fatores críticos que afetam a capacidade dos trabalhadores de fornecer cuidados de qualidade. “Esse trabalhador que não trabalha da forma que deveria não é só a formação dele que está ruim, são as condições de trabalho, são os vínculos e a forma, muitas vezes, gerencialista que se coloca, até mesmo a gestão pública.”

Para concluir, Lorena destacou a relevância contínua do Sistema Único de Saúde e da democracia no Brasil, refletindo sobre desafios atuais à estabilidade política e social do país. “O nosso Sistema Único de Saúde e a nossa democracia estão em xeque cotidianamente... Algo que, teoricamente, estaria superado, que foi a ditadura... ele não está no passado.”

Ilma Pastana Ferreira (UEPA): Ilma iniciou sua fala mencionando um evento local significativo, a COP de 30, e expressou a necessidade de mobilização para participar desse evento global em sua cidade. “E já falei para a professora Márcia que precisamos fazer algum movimento para participar desse momento, a cidade está se reorganizando.”

Ela destacou preocupações levantadas durante um evento regional recente e o Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem (SENADEN), refletindo sobre a assistência de enfermagem e a formação em saúde. “Lembrei muito dessa mesa como já foi colocada. Ela traz essas dimensões da formação, as dimensões da gestão, e aí me preocupa muito esse momento.”

Ilma abordou os desafios políticos atuais, referindo-se a tendências de extrema-direita e a influência dessas na educação e na saúde. “Como ela disse, estamos em xeque, estamos com um governo Trumpista, um governo de Milei, um governo que a extrema-direita vem tendo um crescimento muito grande.”

Ela também mencionou a predominância de instituições privadas na formação em saúde e os desafios que isso representa. “E o fato é que mais de 60% da formação na área da saúde está com as faculdades privadas... É esse momento que nós temos.”

Concluindo, Ilma expressou preocupação com a situação do Sistema Único de Saúde (SUS) na sua região, especialmente a escassez de recursos hospitalares frente ao aumento do número de escolas de medicina. “Em alguns locais, lá na região Norte, um só hospital para nove escolas de Medicina.”

Eduardo Alves Melo (VDEGS/ENSP/Fiocruz): “Antes de prosseguirmos, gostaria de passar a palavra aos nossos estimados palestrantes para responder às questões que recebemos do público. Este é um momento crucial para aprofundarmos nossa discussão e explorarmos as perspectivas e soluções propostas pelos nossos especialistas em resposta às inquietações levantadas.”

Márcia Teixeira (ENSP/Fiocruz): “Foi muito instigante o que foi discutido aqui. Embora não tenhamos ferramentas imediatas para todas as questões, estamos num processo chamado de Estado em Construção. É importante pensar em medidas no plano meso e micro para tentar diminuir a distância entre os trabalhadores mais ou menos incluídos no sistema de proteção social.”

Márcia destacou a importância de pensar em horários de trabalho protegidos para qualificação e trabalho em rede, um desafio significativo na gestão do trabalho no SUS. “Como garantir horários de trabalho protegidos para pensar, para se qualificar, para frequentar um curso, para estar junto, para fazer algum trabalho em rede?”

Ela também refletiu sobre a necessidade de regular novas formas de trabalho e suas implicações, exemplificando com uma história de um acidente de trabalho ocorrido durante uma aula online. “As novas formas de mobilizar o trabalho vão demandar de nós pensar como a gente regula, como a gente incide nessas relações.”

Tatiana Vargas de Faria Baptista (IFF/Fiocruz): Tatiana começou sua fala destacando os desafios impostos pelo contexto político atual, **dominado pelo centrão, o que ela descreve como limitador da governabilidade. “A gente está num governo nas mãos do centrão. Isso é muito limitador da governabilidade hoje do Executivo Federal no Brasil.”**

Ela refletiu sobre o impacto de um quase golpe no país e a importância de reconhecer a fragilidade do momento político. **“É um presidente que quase não entra. Poderia estar morto. Então, esse é o nosso cenário contemporâneo.”**

Tatiana discutiu a importância da pressão social sobre o governo para garantir mudanças significativas e a necessidade de uma sociedade ativa, contrastando com uma percepção de apatia. “E a gente tem uma sociedade que parece apática de um lado, mas, curiosamente, a gente também vê movimento e muita gente fazendo coisas.”

Ela trouxe à tona a relevância de líderes e movimentos sociais como Krenak e Nego Bispo, destacando a importância de aprender com suas críticas às instituições. “Krenak está o tempo todo falando ‘olha só, prestem atenção porque ela não está’.”

Ao finalizar, Tatiana enfatizou a necessidade de refletir sobre como as práticas atuais podem ser desafiadas e transformadas. “Como é que a gente produz saúde na ideia de uma saúde num conceito ampliado se o que nosso Estado consegue produzir é morte o tempo inteiro?”

Ela concluiu com um chamado à ação, incentivando a reflexão sobre como as experiências e ensinamentos dos movimentos sociais podem inspirar mudanças práticas no dia a dia e nas políticas públicas. “É disso que se trata. Se a gente não sonhar, se a gente não tiver a esperança de que o Freire já nos ensinou e que a Bell Hooks também nos ensinou junto com o Freire, a gente não sai.”

Nildo Alves Batista (Unifesp – Baixada Santista): “Bom, confesso para vocês que cheguei aqui bastante mobilizado, mas saio muito mais, muito mais mobilizado depois desta discussão, depois das colocações todas que foram aqui feitas.”

Nildo expressou como a discussão intensificou sua motivação e refletiu sobre os desafios nas políticas de formação no contexto da saúde. “E, se existem desafios hoje nas políticas de formação, esses desafios da política, nas políticas de formação, passa para a gente olhar, não o binômio, dúvida nenhuma, a formação, quando a gente pensa que esta formação se dá no trabalho, se dá no trabalho.”

Ele destacou a importância da formação contínua dos trabalhadores de saúde e como essa formação se integra ao trabalho diário no Sistema Único de Saúde. “Tanto dos futuros trabalhadores, que ela se dá no Sistema Único de Saúde, no contexto do trabalho em saúde neste país, como a formação dos próprios trabalhadores, a continuidade desse processo formativo ao longo de toda a vida.”

Eduardo Alves Melo (VDEGS/ENSP/Fiocruz): Eduardo agradeceu a Nildo e anunciou o encerramento da mesa introdutória, mencionando que as discussões teriam um impacto duradouro.



Mesa Redonda: Dispositivos de gestão interinstitucional para educação na saúde, atuação e gestão das Escolas do SUS

A mesa-redonda da tarde, intitulada “Dispositivos de gestão interinstitucional para educação na saúde, atuação e gestão das Escolas do SUS”, foi mediada por Livia Milena Barbosa de Deus e Mello, Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES/SGTES/MS). A atividade integrou a programação do Encontro Nacional 2024 e teve como foco a apresentação e o debate de experiências e estratégias voltadas à articulação interinstitucional no campo da formação em saúde.

Participaram como debatedores convidados: Fabiano Ribeiro dos Santos, Diretor do Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde (ICEPi); Alessandra de Quadra Esmeraldino, Coordenadora da Escola de Saúde Pública da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis e do Programa de Fomento à Especialização da Atenção Primária à Saúde da Escola de Saúde Pública de Santa Catarina; e Márcia Silveira Ney, professora adjunta e coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ. Cada convidado compartilhou experiências institucionais e contribuições para a qualificação da educação na saúde no âmbito do SUS.





**Fabiano Ribeiro Dos Santos
(ICEPi): Experiência do Instituto
Capixaba de Ensino, Pesquisa e
Inovação em Saúde**

Fabiano começou por contextualizar os desafios iniciais enfrentados ao assumir a gestão no Espírito Santo, destacando a necessidade expressa em um relatório de gestão de criar uma instituição ligada à saúde. “No início desta atual gestão, enfrentamos o desafio de responder a um relatório que apontava a urgência de pensar em uma instituição focada na saúde, que fosse além do desenvolvimento da força de trabalho, abordando também sua formação e reorientação.”

Ele explicou como a proposta de criar uma escola tradicional foi inicialmente rejeitada pelo governador, que demandava um modelo mais inovador. “O governador foi claro ao expressar sua resistência a mais uma escola tradicional, dada a proliferação dessas instituições pelo estado. Ele desafiou-nos a desenvolver um modelo que rompesse com o convencional.”

Neste contexto, nasceu o ICEPi, concebido como uma resposta a essa demanda por inovação. “Decidimos então que o ICEPi deveria ser uma ICT, integrando ensino, pesquisa e inovação, em um modelo que não apenas fosse aprovado pelo governador, mas que também cativasse o staff governamental inicial.”

A fundação do ICEPi foi estruturada em torno de um novo conceito que se alinhava às mudanças legislativas recentes, aproveitando a lei da inovação para moldar seu funcionamento. “Nossa estratégia foi ancorar o ICEPi em bases legais contemporâneas, incluindo as emendas ao artigo 200 da Constituição e as leis de ciência, tecnologia e inovação, configurando a instituição para além das tradicionais escolas de saúde pública.”

Fabiano detalhou como o ICEPi foi desenhado para atuar dentro da Secretaria Estadual de Saúde, mas com um formato que evitasse as armadilhas das estruturas educacionais convencionais. “Procuramos criar uma estrutura que respondesse às necessidades específicas da saúde pública sem replicar os modelos tradicionais de escolas de saúde, o que nos levou a um desenho institucional inovador para o ICEPi.” O ICEPi foi então oficializado com uma tríade de foco em ensino, pesquisa e inovação, com uma forte ênfase em tecnologia e desenvolvimento científico, como previsto na legislação atualizada.

A implementação do ICEPi envolveu a reestruturação organizacional da Secretaria Estadual de Saúde, elevando o instituto a um papel central na política de saúde do estado. “A criação do ICEPi modificou o organograma da Secretaria, integrando-o diretamente à estrutura do governo estadual, e elevou o diretor do ICEPi a uma função de subsecretário de Estado.”

Além da educação e formação, o ICEPi abraçou um papel ativo na inovação tecnológica dentro do setor de saúde, desenvolvendo soluções próprias para enfrentar desafios locais. “Desde a sua fundação, o ICEPi tem estado na vanguarda da inovação, desenvolvendo programas e tecnologias próprias que respondem diretamente às necessidades do sistema de saúde estadual.”

Fabiano destacou alguns dos projetos significativos do ICEPi, como a pesquisa “Viana Vacinada” e o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de gestão, que demonstram o compromisso da instituição com a melhoria contínua da saúde pública. “Projetos como o ‘Viana Vacinada’, em colaboração com a Fiocruz e o Ministério da Saúde, exemplificam nosso foco em pesquisa aplicada e impacto direto na comunidade.”

Concluindo, Fabiano reforçou a importância da abordagem inovadora do ICEPi para a formação em saúde no Espírito Santo, destacando a adaptação a um ambiente legislativo e tecnológico em rápida evolução. “O ICEPi não é apenas uma resposta às necessidades imediatas do nosso sistema de saúde, mas um modelo para o futuro da educação e inovação em saúde pública.”

**Alessandra de Quadra
Esmeraldino (ESP/Floripa):
Experiência da Escola de Saúde
Pública de Florianópolis**



Alessandra começou agradecendo e expressando sua satisfação em participar da discussão. Ela destacou a importância e a singularidade de trazer a perspectiva de uma escola municipal para a mesa-redonda.

Ela contextualizou sua apresentação, focando na experiência de Florianópolis e destacando a importância da discussão interinstitucional, indicando que também abordaria os desafios enfrentados, contribuindo para uma reflexão mais profunda. “Eu acho que trazer

uma escola municipal é sempre uma satisfação. Eu acho que é um outro olhar, é um outro lugar também. E a ideia é trazer um pouquinho da experiência de Florianópolis, mas vou colocar um pouquinho só do contexto mesmo e entrar mais na parte do tema interinstitucional”

Mencionou que sua apresentação não apenas compartilharia sucessos, mas também desafios que estimulam a reflexão dentro do contexto municipal, que poderia oferecer insights valiosos para o grupo. “Vou trazer um pouquinho também dos nossos desafios, porque eu acho que isso também acaba trazendo um pouco da nossa reflexão e acho que eu trago um pouco mais, que foi o que a Márcia tinha trazido também para mim, assim, como um disparador. Eu acho que tem pontos que a gente precisa ainda conversar e acho que do âmbito municipal a gente também tem um olhar que talvez possa agregar a esse conjunto”.

Alessandra detalhou a cronologia dos esforços de Florianópolis para implementar uma política municipal de educação permanente que iniciou em 2011. “Então, vou trazer um pouquinho da nossa cronologia rapidamente. O nosso movimento começou lá em 2011, um grupo de trabalho que constituiu a Política Municipal de Educação Permanente.”

Ela explicou a estrutura da política, que inclui o SUS como escola, desenvolvimento do trabalhador e o observatório, ressaltando que essa estrutura ainda está vigente. “A Política Municipal é dividida em três momentos, uma organização de três espaços, que é o SUS como escola, o desenvolvimento do trabalhador e o observatório. Então, é nesse modelo que a escola também se organiza”.

A apresentação de Alessandra prosseguiu com um resumo dos desenvolvimentos importantes desde 2013, incluindo a criação de um departamento específico, o estabelecimento formal da escola em 2016 e sua subsequente integração ao gabinete em 2020, com aprovação do Conselho Estadual de Educação. “Em 2013, por conta dessa política, a gente cria um Departamento de Desenvolvimento do Trabalhador. Em 2016, vem o nosso decreto e aí a gente cria uma escola. Em 2020, ela passa a ser vinculada ao gabinete e a gente aprova no Conselho Estadual de Educação. Então, atualmente, esse é o nosso formato. A escola está vinculada ao gabinete e a gente tem essa aprovação do Conselho Estadual de Educação.”

Ela detalhou o organograma da escola, descrevendo os vários núcleos e suas funções, incluindo SUS como escola, desenvolvimento do trabalhador e o observatório, delineando as responsabilidades de cada um. “Aqui eu trouxe um pouquinho só do nosso organograma para vocês terem uma ideia. Então, como eu falei, a gente se divide em núcleos. O núcleo de SUS como escola, que fica toda com a parte de graduação, residência, pesquisa, cursos técnicos. O núcleo de desenvolvimento do trabalhador, que fica com a parte do trabalhador de cursos livres, de projetos de especialização, toda a parte desse desenvolvimento introdutório. A parte de observatório, que é uma parte mais externa, a gente está nessa construção.”

Alessandra compartilhou um mapa mental, enfatizando que todos os projetos são colaborativos e dependem de parcerias tanto dentro quanto fora da instituição. “Aqui, eu sempre gosto de mostrar, esse aqui é o nosso mapa mental. Essa é a nossa construção de todos os nossos projetos atuais. E, na verdade, trazendo um pouco para o nosso tema de hoje, não tem nenhum desses projetos que a gente faça sozinho. Seja intrainstitucional e interinstitucional, ele só se desenvolve porque a gente o compartilha com outras pessoas, com outros setores e com outras áreas.”

Destacou, ainda, a dependência de sua equipe em relação a outras estruturas e setores para o sucesso de seus projetos, ilustrando a interdependência crucial para suas atividades. “Até porque a gente não tem uma estrutura, a gente depende, realmente, de outros setores, de outras estruturas para a gente sobreviver.”

A apresentação detalhou a composição da equipe, ressaltando sua natureza multiprofissional e o apoio administrativo integrado da secretaria. “A nossa equipe é uma equipe de 12 pessoas atualmente, entre uma equipe multiprofissional com médicos, enfermeiros, dentista, nutricionista, uma parte administrativa e uma estrutura da própria secretaria.”

Ela concluiu a descrição da equipe mencionando os colaboradores externos, incluindo tutores de programas de residência e outros colaboradores da secretaria que apoiam os projetos da escola. “E a gente tem os nossos colaboradores, muitos deles são tutores dos nossos programas de residência e que acabam nos apoiando dentro desse processo da escola, além de outros colaboradores da própria secretaria que, em todos os projetos, a gente acaba puxando”.

**Márcia Silveira Ney (IMS/UERJ):
Mestrado Profissional em Saúde
Coletiva**



Iniciou sua fala cumprimentando a mesa composta por Fabiano, Alessandra e Livia, e agradecendo especialmente pelo convite para compartilhar a experiência do IMS.

Márcia começou sua apresentação mencionando que Tânia França liderava os projetos de educação e formação no IMS, porém, com o seu falecimento, Márcia assumiu um papel mais ativo na área de formação profissional que era a área que já militava, e atualmente é a coordenadora do mestrado profissional em Saúde Coletiva do instituto.

Ela destacou que a sua apresentação teria como foco abordar brevemente a trajetória do IMS e o mestrado profissional em Saúde Coletiva, assim como a pesquisa que Tânia França liderou junto a 50 escolas de saúde, e que várias instituições presentes no evento participaram.

Sobre o IMS, Márcia relatou o pioneirismo do instituto com a criação do mestrado em Medicina Social na UERJ em 1974. Ela destacou que ao longo dos anos, o instituto conso-

lidou programas de mestrado e doutorado acadêmicos, com nota 7 na CAPES, além de desenvolver, mestrados profissionais desde o ano 2000. Nesse ano, em parceria com o Ministério da Saúde e sob a liderança de Celia Pierantoni, foi criado o mestrado profissional de Administração e Saúde, que foi se consolidando junto com outras iniciativas. Em 2019 foi criado o mestrado profissional em Saúde Coletiva, em parceria com a Secretaria do Estado de Saúde do Rio de Janeiro, coordenado pelo professor Eduardo Lewkovitch.

Nesse percurso histórico, destacam-se cursos de formação e qualificação, sobretudo na área de gestão, para profissionais e gestores do serviço de saúde, seja da Secretaria Municipal, Secretaria Estadual e trabalhadores do SUS; assim como voltados para a questão da avaliação e gestão do sistema de tecnologias em saúde. Esses cursos foram liderados por alguns grupos de pesquisas relacionadas a questões da vigilância, de PET-saúde, pró-saúde, inclusive da SGTES. Por tanto, o instituto, é uma entidade formadora que inclui os profissionais que atuam diretamente no serviço.

Márcia relatou que o IMS tem três áreas de concentração: ciências humanas, epidemiologia e política, planejamento e administração em saúde. No caso do curso de mestrado profissional em Saúde Coletiva, ele é fruto da parceria entre o Instituto e a Secretaria de Estado de Saúde e está inserido na área de concentração de Políticas, Planejamento e Administração em Saúde. O curso tem como foco a qualificação de gestores da Secretaria do Estado de Saúde do Rio de Janeiro.

Entre os desafios do curso, Márcia refletiu sobre o tema do financiamento para os mestrados profissionais, em especial quando são comparados aos acadêmicos, e enfatizou a importância das parcerias institucionais para garantir sua sustentabilidade. Segundo ela, “essas parcerias interinstitucionais muitas vezes têm viabilizado a permanência, progressão e institucionalização desses processos”

Por outro lado, o objetivo do mestrado profissional foi: “formar o pessoal capacitado para essas atividades de direção, organização, planejamento, programação, avaliação, vigilância, desenvolvendo essa reflexão interdisciplinar e crítica sobre as políticas, o sistema, os serviços e as práticas de saúde”. Um dos grandes diferenciais do curso é a exigência de um projeto de intervenção, com foco em mudanças concretas nas práticas dos serviços de saúde. A proposta é fortalecer projetos que transformem a lógica das práticas institucionais, incentivando a produção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e competências, a aplicação de métodos técnicos e instrumentos voltados à formulação e implementação de políticas públicas, bem como a pesquisa operacional e a escrita técnico-científica.

Márcia detalhou que o projeto pedagógico tem uma perspectiva ampla com base na prática profissional e que inclui aulas, eventos, intercâmbios, fóruns, chats, exposição dialogada, grupos tutoriais. A estrutura curricular articula-se com a área de política, planejamento e administração e gestão.

Apontou também que a oferta atual do curso já alcança sua quarta turma, com participantes de diversas regiões do estado do Rio de Janeiro, como Baixada Litorânea, Centro Sul Fluminense, Norte, Noroeste e Região Serrana. Foi priorizada a inclusão de gestores de regiões distantes com menos acesso a oportunidades de qualificação e a intenção é ampliar a oferta para todos os municípios do estado.

Sobre os resultados do curso, além das defesas, cujo registro está disponibilizado no site institucional, salientou-se a significativa produção técnica como manuais, guias, protocolos que foram desenvolvidos âmbito dos projetos de intervenção realizados pelos discentes. A palestrante indicou que esses produtos foram apresentados em diversas instâncias do SUS, como CIB, COSEMS, as quais também contaram com representantes participando ativamente da formação. Alguns egressos passaram a ocupar posições de destaque no SUS e seguiram sua trajetória acadêmica em programas de doutorado, tanto profissional quanto acadêmico, evidenciando a continuidade da formação iniciada no mestrado profissional.

Ela apontou também para os estágios de prática profissional, voltados especificamente para a prática e apoiado por tutores. Márcia destacou: “dentro do seu projeto de pesquisa, ele pode aprimorar e ele tem esse estágio que pode dar suporte para ele operacional no ambiente de trabalho”. Além disso, são realizados diversos webinars e congressos para divulgação dos trabalhos produzidos. O mestrado ainda deu origem a um projeto de extensão voltado à análise de políticas, sistemas e força de trabalho em saúde, o projeto SUS-RJ, que vem sendo desenvolvido para fomentar debates e análises no Estado.

Entre os produtos finais apresentados, Márcia destacou títulos como: “A redução do absenteísmo de usuários em consultas de especialidades no SUS, a experiência de um instituto de referência no Rio de Janeiro”, “Guia para gestores do SUS, enfrentamento ao racismo institucional pelo viés da ouvidoria”, “Desafios do processo de implantação de medicamentos das hepatites virais B e C no componente estratégico de assistência farmacêutica no Estado do Rio de Janeiro” e “Violência contra a mulher indígena e quilombola, uma perspectiva a partir de normativas de municípios do Estado do Rio de Janeiro e de movimentos sociais do Brasil”, temas diversos que refletem a abrangência e o compromisso do curso com a transformação das práticas nos territórios.

Outras contribuições destacadas por Márcia, foram o apoio dos docentes do curso à Secretaria de Saúde do estado, mediante desenvolvimento de estudos, debates públicos e materiais técnicos, desenvolvimento de planos de aprendizagem internos, programas de educação permanente, assessoria técnica e gestão do conhecimento e a disseminação de informações científicas. Incluem também apoio na implementação de uma biblioteca virtual em saúde na própria Secretaria Estadual, a criação da Revista de Educação e Inovação em Saúde, assim como outros produtos técnicos.

Entre os desafios enfrentados, ela ressaltou a fragmentação entre gestão, ensino e serviços, as desigualdades regionais dentro do estado na implementação de políticas e a escassez de recursos financeiros e humanos. Sobre a ‘renovação docente’, comentou que o instituto, com seus 50 anos, está em fase de reestruturação de seu corpo docente.

Como oportunidades, Márcia apontou o alinhamento entre as práticas profissionais e necessidades reais da população, o fortalecimento do trabalho interdisciplinar e humanizado, e o fortalecimento do SUS como sistema universal e equitativo. Reforçou que historicamente o IMS tem contribuído com a articulação entre atividades acadêmicas e a construção do SUS, com participação ativa de seu corpo docente em instâncias nacionais e internacionais, como a OPAS e a OMS.

Na segunda parte da apresentação, Márcia compartilhou a experiência do projeto liderado pela professora Tânia França, sobre “o monitoramento de ações e apoio institucional às escolas de saúde pública e técnicas do SUS”. Foi um projeto com a parceria com o DEGES/SGTES do Ministério da Saúde. Ela agradeceu a participação dos colaboradores da SGTES e os membros da pesquisa, e indicou que se tratou um *survey* que envolveu 49 escolas de saúde do país.

Com o objetivo de mapear o panorama geral das escolas do SUS, o questionário abordou questões relacionadas à infraestrutura, ações de comunicação e divulgação. Outras perguntas foram direcionadas ao perfil dos dirigentes, a média de trabalhadores de cada escola, autonomia e regulação, e as ofertas formativas (cursos técnicos, cursos de especialização, residência, mestrado, mestrado profissional, etc.).

A partir do diagnóstico realizado, vários respondentes ao formulário, reconheceram a importância da iniciativa de dar visibilidade aos processos desenvolvidos pelas escolas e às necessidades, após um longo período de invisibilidade e degradação no passado. Para Márcia “a resposta a esse questionário nos proporciona a confiança na retomada do diálogo, da colaboratividade, da centralidade das políticas públicas de educação na saúde como indutoras das transformações que o SUS requer, bem como que esse seja o mecanismo que dê arcabouço para a retomada do financiamento das atividades das escolas de forma permanente”.

Márcia salientou que a partir dos resultados do projeto, o seguinte passo foi a elaboração de um painel em Power BI, que está sendo trabalhado para mapear as escolas. Para explicar melhor esse conteúdo, ela apresentou um vídeo com os painéis das escolas de saúde do SUS, desenvolvido pelo grupo de Pesquisa de Políticas, Programas e Ações de Educação na Saúde, do IMS.

O painel é fruto do projeto *Monitoramento de Ações e Apoio Institucional às Escolas de Saúde Pública e Técnicas do SUS*, realizado pelo Ministério da Saúde por meio da SGTES. A ferramenta agrupa um conjunto de informações relacionadas a organização, ambiência, oferta de cursos, o perfil de seus dirigentes e localização geográfica das escolas; o qual possibilita de maneira simplificada, o acesso e a análise dos dados da pesquisa.

O vídeo também mencionou que em breve, o painel será integrado ao SIMAPS, iniciativa do Ministério da Saúde que consolida um conjunto de informações em educação na saúde no Brasil. O painel das escolas de saúde do SUS fornece uma visão abrangente delas, e ajudam a compreender, por exemplo, como as instituições estão equipadas para atender as necessidades do SUS e da população. A ferramenta, permite a geração de relatórios que podem ser usados para melhorar a gestão das escolas e o planejamento educacional.

No vídeo destacou-se que: “É uma ferramenta útil para a tomada de decisões baseadas em evidências”. Nesse sentido, Márcia comentou que estão incentivando aos dirigentes das escolas a utilizarem esta plataforma para explorar dados, conhecer a situação de outras escolas do SUS e identificar informações.

Márcia concluiu afirmando que esse é um passo inicial e que esperam dar continuidade nesse panorama do diagnóstico das escolas. Agradeceu ao público pela atenção.

Debate da Mesa Redonda: Dispositivos de Gestão Interinstitucional para Educação na Saúde, Atuação e Gestão das Escolas do SUS

A mediadora da mesa, **Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello (DEGES/ SGTES/ MS)**, agradeceu as apresentações dos palestrantes. Na fala de Fabiano, destacou a importância da inovação como uma marca registrada do ICEPi, algo que ressoa com o tema do encontro; reconheceu a contribuição significativa dessa instituição para a discussão sobre o papel das escolas do SUS, e apreciou a abrangência da colaboração interinstitucional do ICEPi, desde a Secretaria de Mulheres até as universidades e o próprio sistema de saúde, enfatizando como a escola serve ao SUS como um todo. Sobre a apresentação de Alessandra Esmeraldino, Lívia ressaltou as parecerias interinstitucionais mencionadas, a ênfase no COAPES e entre os problemas enfrentados pelas escolas no âmbito regional e nacional, o papel das escolas como ordenadoras dos campos de prática. Por fim, agradeceu a apresentação de Márcia Ney e reforçou que as informações do SIMAPS e das escolas estão disponíveis na internet, e destacou que terá um espaço para as novas escolas irem preenchendo o formulário e compondo esse mapeamento realizado.



Lívia abriu o debate com o público e passou a palavra a sete participantes para interagir com a mesa.

Ana Lúcia Nunes (ESPMA): começou sua fala cumprimentando a mesa e considerou importante resgatar as contribuições da mesa anterior, principalmente os aportes trazidos pelos professor Nildo Batista sobre a formação na área da saúde, que permitiu articular com a realidade das escolas. Sobre a apresentação do ICEPi manifestou que a sua escola tem uma parceria mais próxima com o ICEPi devido a que as escolas estaduais mantêm uma pauta mensal, semanal, quinzenal, na Câmara Técnica do CONASS, ou na Rede COESP, que é uma rede de escolas de gestão estadual. Ela considerou esses espaços muito importantes para conhecer as experiências das escolas estaduais.

Também refletiu sobre a experiência apresentada pela escola municipal de Florianópolis, destacando sobretudo sua atuação com a COAPES. Ana Lúcia comentou que muitos conhecem o termo COAPES, mas não necessariamente sua aplicação na prática cotidiana. Ela mencionou as experiências de COAPES no Maranhão, destacando a estratégia regional na região Tocantina, assim como o COAPES no município de Imperatriz. Contudo, relatou as dificuldades enfrentadas na região metropolitana e em São Luís, devido à complexidade das instituições de ensino que tem no território, especialmente relacionada às universidades privadas, que é muito forte.

Destacou ainda a relevância das experiências em mestrado profissional, como a apresentada pelo Instituto de Medicina, reconhecendo o desejo das escolas em avançar nessas propostas, porém ainda existem limites jurídico-institucionais. A experiência do IMS sinalizou questões sobre parceria e cooperação e a relevância desse tipo de formação tem o potencial de responder de forma mais direta às demandas do SUS. Ana Lúcia encerrou sua fala parabenizando as experiências compartilhadas e o potencial de articulação entre as escolas e demais instituições formadoras presentes.

Carlos Leonardo Figueiredo Cunha (DSP/UFMA): iniciou sua intervenção refletindo sobre as diferenças regionais e as experiências entre municípios que são referência como Florianópolis e outros que não. Ele sugeriu à RedEscola a criação de um repositório de experiências exitosas, com materiais sobre como elaborar termos de cooperação, parceria e manual do COAPES: “um letramento em gestão do trabalho”, como Carlos colocou, incluindo apoio pedagógico e acompanhamento.

Outra sugestão foi elaborar um plano de trabalho colaborativo entre essas instituições (escolas estaduais, municipais e universidades), a partir da realidade local, de tal forma que não ocorra sobreposição entre as ações desenvolvidas, e possa se avançar nessa proposta de rede cooperativa.

Carlos ressaltou a experiência da escola de Florianópolis, e problematizou a questão da pejetização do trabalho, ou seja, captação do profissional no serviço, e o duplo vínculo que prejudica a assistência à saúde e ao ensino. Além disso, compartilhou sua experiência como docente na formação de profissionais da Estratégia Saúde da Família em São Luís, onde atua com um projeto de extensão baseado em gamificação.

Por fim, ele reconheceu a importância de mapear essas experiências e buscar estratégias de diálogo entre as instituições de ensino e as escolas de saúde pública (estaduais e municipais), já que “não são instituições antagônicas [escolas e universidades], são instituições complementares” e podem trabalhar em projetos de forma conjunta.

Lúcia Vilarinho (NESP- UFPI): expressou o seu orgulho de fazer parte da RedEscola e propôs uma reflexão articulando os debates das mesas da manhã e da tarde.

Ela colocou a RedEscola como um espaço que representa tanto um grande desafio quanto uma potente possibilidade. A rede envolve diversas instituições: escolas de saúde pública, universidades, institutos e escolas de governo; todas com a missão de formar e fortalecer trabalhadores do SUS por meio da educação permanente, e aos futuros trabalhadores através da formação inicial. Nesse cenário, Lúcia apontou problemáticas atuais como a privatização da educação e da saúde que atravessa esse conjunto de instituições, e destacou: “nesse contexto dos desafios atuais, como fortalecer a RedEscola, que é também uma possibilidade, com esses atravessamentos da privatização da saúde e da educação”.

Colocou como sugestão que a rede assumisse um protagonismo nacional em articulação com o Ministério de Educação e da Saúde, com o intuito de contar com possibilidades institucionais e recursos para continuar agindo na formação dos trabalhadores para o SUS. Além disso, Lúcia propôs que o encontro nacional gerasse um compromisso coletivo de fortalecimento dessa função da rede.

Embora reconhecendo a excelência de instituições como o Sírrio-Libanês e a Fundação Oswaldo Cruz no seu papel da formação em saúde, ela ressaltou que as universidades públicas também são centros de excelência e precisam ser fortalecidas. Reforçou a importância da unidade e da colaboração, destacando que “ninguém vai soltar a mão de ninguém” e que a RedEscola deve ser reconhecida como formadora legítima de trabalhadores para o SUS.

Na sua conclusão, Lúcia enfatizou o protagonismo de formadores, do trabalhador e dos futuros trabalhadores para o SUS, e instou a continuar lutando juntos “porque a gente sabe e pode fazer isso.”

Luiz Carlos de Abreu (PPGSC-UFES): iniciou com a reflexão perguntando aos participantes “O que fomos? O que somos? E o que queremos ser?”

Ele relatou sua preocupação com a promiscuidade nas relações entre os setores público e privado, especialmente no contexto das eleições e da mercantilização da formação em saúde. Nesse contexto, questionou a priorização de instituições privadas em detrimento das públicas no acesso aos campos de estágio, relatando casos em que prefeituras cederam toda a estrutura à medicina privada, enquanto outras áreas, como a fisioterapia, ficaram invisibilizadas.

Abordou ainda a questão das Organizações Sociais de Saúde (OSS), apontando que estas acabam tomando o controle da gestão pública, tornando-se “donos” e tirando a autoridade do Estado.

Ele também compartilhou sua experiência em Cruzeiro do Sul (AC), onde formou cerca de 60 mestres e doutores e fundou uma escola de medicina que deveria ter sido pública, mas acabou desviando desse caminho.

Encerrou sua fala reforçando que é necessário “formar com o carro em movimento” e tocando nas feridas, caso contrário, continuaremos cedendo os campos de estágios e de modo geral, apenas servindo ao mercado capitalista.

Marcele Nobre De Carvalho, (DSC-UEL): argumentou que é necessário superar a questão da criação e “áreas de sombreamento” entre as instituições, ela reforçou que é preciso fortalecer a rede no diálogo entre universidades, escolas municipais e estaduais. O desafio segundo Marcelle é a partir das interfaces e das áreas de sombreamento, dialogar, partilhar e realizar as ações de forma colaborativa. Destacou que esse é o espírito desse encontro e não a disputa entre instituições porque: “a universidade não é melhor que escola, escola municipal não é melhor que a estadual”.

A professora trouxe a discussão da interiorização da formação a partir da sua experiência de migração de Belém do Pará, sua cidade de nascimento, para Londrina, que é uma cidade do interior, com 600 mil habitantes. Ressaltou a importância de refletir nos processos de formação de escolas para o SUS nessas cidades menores e como isso é possível, ou seja, “como capilarizar e como fazer com que essa discussão chegue nos espaços e não de forma tutorada pelas escolas maiores, mas compartilhada e dialogada”.

O segundo tema que bordou foi o debate entre educação e formação. Ela fez uma crítica ao uso dos termos como sinônimos e indicou que a distinção é mais do que semântica e alertou para o risco de subordinar o processo educacional às exigências do mercado. Para ela o que é chamado de formação estaria moldando profissionais para atender a demandas do mercado que podem ser inclusive antiéticas ou contrárias ao projeto de saúde coletiva e ao SUS.

Marcele fez referência ainda às diretrizes curriculares e o COAPES como exemplo de disputas desses projetos. No caso do COAPES especificamente, ela comentou sobre as disputas internas e a contrapartida das instituições, as privadas colocando dinheiro e as públicas ofertando educação. Assim, reforçou a importância da contribuição das universidades mediante esses processos de educação.

Elisandro Rodrigues (GHC): se apresentou indicando que o GHC é uma instituição híbrida e propôs duas reflexões.

Primeiro, destacou a importância da construção do “comum” na rede, evocando a pergunta de Roland Barthes: “Como viver juntos?”. Ele interpretou essa questão como importante para o entendimento de rede e seus pontos de conexão, tanto uma rede virtual como física; ou seja, entendida como um espaço de convivência e articulação colaborativa.

Em segundo lugar, como forma de articular os pontos da rede, ele sugeriu a criação de grupos de trabalho (GTs) organizados por afinidade de temas, e não apenas por regionalidade, como estratégia para fortalecer o debate e ampliar a articulação entre instituições.

Elissandro destacou que esses GTs podem permitir um aprofundamento maior das discussões e fortalecer a rede.

Tânia Celeste Matos Nunes (Fiocruz): iniciou sua participação expressando a sua felicidade pelas contribuições e as mesas de discussão que instigaram algumas reflexões, entre elas a questão das redes colaborativas que são formadas pelas escolas.



As apresentações das experiências das escolas também trouxeram apontamentos sobre como se organizavam e programavam as ações anualmente no passado. Tânia relatou que era mediante cursos, diálogo com o serviço, articulação entre diversas áreas e oportunidades de pesquisa. Sugeriu que esse tipo de planejamento poderia ser retomado e atualizado à luz das experiências contemporâneas.

Para ela, a mesa da tarde evidenciou que a julgar pelas experiências compartilhadas, várias escolas já se encontravam bem-organizadas. E aquelas em estágio mais inicial demonstraram potencial e disposição para avançar. Tânia resgatou a fala de Tatiana Wargas, como uma provocação necessária e inspiradora. A fala sugeriu um outro olhar sobre o planejamento, tratando-o como um exercício que envolve também sonhos e afetos, alinhado à própria origem da ABRASCO. Tânia disse que essa perspectiva seria de “planejamento com a alma da gente”. Também sugeriu que esse seria um momento oportuno para as escolas pensarem em novos caminhos de organização.

Considerou importante manter os processos organizativos, instrumentos como repositórios, planilhas e outros, mas defendeu que cada escola tivesse um projeto próprio, perguntando de forma simples: “Qual o projeto da minha escola? Para onde eu quero ir?”. Ressaltou que isso não deveria se limitar à lógica tradicional de projetos político-pedagógicos baseados em modelos federais, mas pode ir além disso.

Finalizou sua fala expressando encantamento com a proposta trazida por Tatiana Vargas e as contribuições de Márcia Teixeira e Nildo Batista, que foram alimentando essa reflexão segundo Tânia, sobre a ousadia em pensar além das divisões institucionais entre residência, ensino técnico ou graduação. Por isso sugeriu definir inicialmente os projetos de cada escola, mas, reiterou que isso é uma reflexão e não um pedido, já que cada escola sabe a melhor forma de fazer isso.

Tânia concluiu com um convite para que a rede, já pulsante, sonhasse coletivamente, cada escola com o seu projeto, consciente de para onde está caminhando, e com “as mãos juntas irrigando esse terreno”.

Após esse momento de intervenções do público, **Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello** (DEGES/ SGTES/MS) retomou a condução do debate e fez alguns apontamentos antes de passar a palavra para as considerações finais dos palestrantes.

Lívia reconheceu a riqueza dos debates realizados como subsídios para os próximos trabalhos e resgatou a produção de relatórios das oficinas regionais que a RedEscola realizou durante o ano 2024. Esses documentos aprofundam as discussões e são insumos valiosos para o planejamento de ações, a partir dos territórios. Mencionou que, nos relatórios regionais, foi possível perceber que os grupos menores tiveram mais espaço para “sonhar com o pé no chão dos territórios”.

Ressaltou o crescimento da rede, especialmente após a pandemia, com o surgimento de diversas escolas municipais e novas articulações regionais. Mencionou alguns exemplos como Ceará que colocou no plano de territorialização novas escolas, Rondônia que está no processo de criação de um ICT, e o exemplo do ICEPi que foi apresentado, elas são experiências inovadoras que têm florescido, porém se questionou se essas trocas estão fortalecendo os outros.

Lívia destacou a riqueza da regionalização da rede e a importância de tornar as trocas cada vez mais produtivas, com visitas e aprofundamentos que permitam levar o melhor de cada ponto da rede para o conjunto.

Considerou a tarde muito rica e expressou a sua alegria da SGTES financiar um projeto que se concretiza na prática, com a rede efetivamente se movimentando, trocando experiências e com resultados que vão além de documentos que ficam na gaveta. Lívia passou a palavra para os palestrantes dialogarem com o que foi colocado pela plateia.

Márcia Silveira Ney (IMS/UERJ): ressaltou a potência das experiências apresentadas durante o período da tarde e dos relatórios produzidos durante as oficinas regionais.

Ela concordou com a proposta de articulação em torno de grupos de trabalho sobre diversas áreas, assim como a discussão sobre temas como o COAPES. Ressaltou que as parcerias colaborativas e o contato direto entre instituições devem ser fortalecidos.

Colocou-se à disposição para articulações por meio do Instituto de Medicina Social e do mestrado profissional que coordena, indicando que a rede pode ser uma resposta para as dificuldades que eles enfrentam, por exemplo, com o Dinter acadêmico desse curso, nas regiões de Acre e o Amazonas. Ela agradeceu e convidou a todos para continuar nessa caminhada.

Fabiano Ribeiro Dos Santos (ICEPi): agradeceu a confiança do grupo de condução da RedEscola pela oportunidade de apresentar a experiência da escola e relatou que esse ano foi de articulação da unidade entre as escolas com os movimentos regionais produzidos, e fortalecimento das relações entre instituições da rede.

Nesse percurso, Fabiano reconheceu o papel do ministério que apoiou as escolas, principalmente aquelas que foram sucateadas no passado recente. Desse modo, chamou a atenção para a necessidade de aproveitar o atual momento de unidade, lembrando que contextos políticos adversos podem retornar.

Ele compartilhou a experiência da Secretaria de Gestão no Espírito Santo, a qual tem edital público para credenciamento de instituições de ensino; e a Secretaria de Estado de Saúde também divulga editais públicos que asseguram igualdade de acesso aos campos de práticas às instituições credenciadas. Fabiano reforçou essa prática afirmando que, “os serviços públicos de saúde não têm dono, eles pertencem ao povo capixaba” e não a instituições específicas. Nesse sentido, ressaltou que no caso da UFES, eles não têm que dar uma contrapartida financeira porque é uma instituição pública, a diferença das instituições privadas que precisam dar uma contrapartida financeira.

Para finalizar, Fabiano questionou o papel do COAPES como um instrumento que tem servido mais para que as instituições privadas ampliem o número de suas vagas nos campos de práticas. No estado de ES, esse não é um instrumento prioritário, já que existem termos de cooperação entre instituições credenciadas pela Secretaria de Gestão do Estado. Assim, uma vez credenciada, a instituição pode acessar os estabelecimentos públicos como campos de prática de forma direta.

Ele colocou que é preciso repensar esse instrumento junto ao Ministério da Saúde, já que tem ajudado mais às instituições de ensino privadas pressionar aos municípios e gerando relações desiguais. Manifestou a necessidade de reconhecer os limites da disputa pelo COAPES, e redirecionar as lutas políticas e institucionais ao que é possível disputar e transformar concretamente: o fortalecimento das instituições públicas da rede.

Ainda retomou a discussão sobre o PROADI-SUS, destacando a concentração de recursos nesse modelo e a limitação de acesso a esses recursos por parte da própria SGTES: “Se fosse para disputar o COAPES, era pegar esse recurso e colocar na SGTES e ela distribuir igualmente para todo mundo. E aí retornaria para quem, de fato, executa as ações, inclusive a própria SGTES. Mas nem ela alcança esse recurso que está lá na relação do PROADI.”

Alessandra de Quadra Esmeraldino (ESP/Floripa): agradeceu a oportunidade de estar nesse espaço, e principalmente por ter aberto o espaço para as escolas municipais.

Ela enfatizou que a sua apresentação teve como foco mostrar a experiência na prática cotidiana e o que tem dado certo, porém, considerando também as dificuldades enfrentadas. Alessandra comentou que existem lacunas e gargalos a serem discutidos coletivamente, porque é “na ponta” que isso se trona mais difícil. Reforçou o diálogo entre universidade, escolas estaduais, escolas municipais e a gestão municipal. Para ela, trata-se de um processo novo, com a criação recente de espaços diversos, ainda em construção.

Alessandra destacou a importância de trazer a experiência prática do município para o debate, e respeitando as especificidades de cada um. Mencionou o caso das residências na qual os preceptores têm um papel central, e a necessidade de dar atenção para esse papel para atingir os resultados que espera.

Como encerramento da sua fala, Alessandra concordou com a crítica à formação para o mercado. Ela afirmou: “a formação tem que ser para a necessidade, a necessidade do usuário, a necessidade da região, a necessidade do serviço”. Ela disse que tanto escolas como universidades precisam olhar para as necessidades e não para o mercado.

Concluiu ressaltando a importância de refletir sobre essas questões e agradeceu a participação das escolas, especialmente a municipal, nesse processo.

Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello (DEGES/ SGTES/MS): fez seus comentários finais, compartilhando algumas ações em desenvolvimento pelo Ministério da Saúde. Entre elas, mencionou a proposta do Sistema de Gestão Acadêmica cujo protótipo será apresentado para as escolas no início de dezembro de 2024. Esse projeto é parte de um Termo de Execução Descentralizada (TED) com a Universidade Federal de Goiás, e recebeu contribuições de um grupo de trabalho específico e de áreas técnicas que trabalham com sistemas semelhantes.

Na sua fala, destacou o aprimoramento do sistema com base nas demandas das escolas, e enfatizou que algumas instituições já dispõem de sistemas mais robustos do que aquele atualmente em construção pelo Ministério. Por isso, o objetivo seria criar um modelo compatível com as necessidades e expectativas dessas instituições.

Outro tema abordado pelo MS é a retomada da discussão do COAPES. Lívia comentou que foram observadas algumas experiências de COAPES, como os sistemas de regulação de campos de estágio da Bahia e de Juiz de Fora. Segundo ela, a proposta é desenvolver um sistema que ajude nessa regulação. Citou o exemplo do ICEPi que conta com um sistema e o modelo da Bahia que prioriza as vagas dos campos de estágio para o setor público antes de disponibilizá-lo ao setor privado. No entanto, ressaltou o sistema de informação é alimentado a partir das definições prévias dos gestores, o que implica decisão política,

A partir das contribuições no debate, Lívia também afirmou que a forma de contratualização do SUS como escola é, principalmente, uma escolha política. Instrumentos como o COAPES ou os convênios, são infralegais e não têm força de lei, estando sujeitos ao interesse do gestor e à sua relação com instituições públicas e privadas de ensino. Nesse contexto, argumentou que é preciso regular o uso do SUS como escola, devido a que: “As escolas têm

assumido, as escolas do SUS têm assumido esse papel em alguns municípios que não têm escola do SUS, isso tem ocorrido dentro dos departamentos de gestão da educação, isso é uma agenda da gestão da educação”.

Além disso, Livia concordou com a proposta de criação de cadernos pedagógicos. No MS um projeto está abordando esse tema, e ao igual que outras áreas, a ideia é criar um caderno para a gestão do trabalho e a educação na saúde com o objetivo de orientar os gestores em temas como COAPES, contratualização para campos de práticas, implantação de mesas de negociação, implantação de comitês de dimensionamento da força de trabalho, implementação de programas de residência, entre outros. A proposta implicaria sair dos formatos de manuais e transformar a linguagem pedagógica a través dos cadernos, contando com apoio das escolas nesse processo.

Livia também retomou o tema do financiamento e a disputa entre público e privado. Ela pontuou o caso dos gestores municipais que muitas vezes se encontram pressionados a aceitar contrapartidas do setor privado devido a necessidades imediatas, e não necessariamente por eles serem anti-SUS ou anti-sistema educacional. Nesse sentido, ela destacou o subfinanciamento como um problema estrutural.

Citou, como exemplo, o caso dos projetos PROADI, nos quais há isenção de impostos e alocação de recursos que acabam sendo operados no âmbito do SUS, muitas vezes por gestores que, em tese, se resistiriam a esse tipo modelo. Livia mencionou que muitos dos participantes no evento de alguma forma estão envolvidos também na operacionalização dos PROADI nos seus estados ou municípios. Ressaltou que o recurso do projeto está sendo acessado pelo CONASS, CONASEMS e Ministério da Saúde. Outros exemplos semelhantes são o PRONAS (atenção à pessoa com deficiência) e o PRONON (atenção oncológica).

Livia disse, inclusive, que há mais recursos sendo executados via PROADI do que o orçamento da própria SGTES, porém, enfatizou que a disputa por esse recurso é complexa. O PROADI abrange três eixos: educação permanente, projetos de pesquisa (SECTICS) e projetos de infraestrutura.

Frente a essa problemática, ela fez a provocação sobre a possibilidade de disputar esses recursos de forma estratégica, considerando ações de curto, médio e longo prazo. Para ela: “Se a gente vai entrar, que a gente dispute o que a gente quer com esse recurso para os interesses do SUS.” No curto prazo, afirmou que todos estão de alguma forma envolvidos e deu o exemplo do projeto Equidade da SGTES que está sendo desenvolvido via PROADI, porém com a “cara do SUS e não do hospital”. No longo prazo, a disputa é mais política.

Livia considerou que o dilema sobre o PROADI, não envolve decisões unilaterais do Ministério da Saúde, implicam disputas institucionais, entender o tipo de congresso nacional que atua hoje e as condições que se tem de repasse do orçamento fundo a fundo nesse contexto. Nessa provocação de Livia, distinguiu como uma ação fundamental, o diálogo com as instituições municipais e estaduais, CONASS e CONASEMS (os dois últimos já operam volumes expressivos desses recursos do PROADI na área assistencial). Diante disso, ela questionou “Vamos querer disputar esses recursos na área da Gestão do Trabalho e da Educação ou não?” e reforçou a ideia de que: “temos um projeto político em disputa no país, na socie-

dade, passa por processos de educação, educação crítica e dessas tomadas de decisões do que a gente vai fazer com o que está colocado hoje”.

Por fim, ela reiterou a importância da integração entre a gestão do trabalho e a gestão da educação, tema amplamente debatido durante o evento. Concluiu afirmando que os resultados da educação permanente só serão valorizados quando se traduzirem em melhorias nos indicadores de saúde da população. Esses resultados devem orientar as políticas na área de trabalho e educação na saúde.

Lívia encerrou a mesa, agradecendo em nome de Márcia Fausto, a condução do projeto e a liderança da Secretaria da RedEscola, e parabenizou em nome de Celia Borges o Grupo de Condução da rede, pela articulação do projeto em suas diversas dimensões: governança, educação permanente e pesquisa. Com isso, reafirmou o compromisso do DEGES com os temas debatidos e colocou-se à disposição para continuar colaborando com a RedEscola.





2º DIA

28/11/2024



Sessão de abertura do segundo dia do Encontro Nacional da RedEscola



Márcia Fausto, coordenadora da Secretaria Técnica e Executiva da RedEscola (STE RedEscola), iniciou o segundo dia do Encontro Nacional com uma apresentação contextualizando algumas questões importantes da RedEscola. Começou recordando a missão da RedEscola, de articular e fortalecer as escolas e os centros formadores em saúde pública, saúde coletiva, mediante estratégias para o desenvolvimento de políticas e ações no âmbito da educação na saúde. Seguiu lembrando que quando a RedEscola surgiu em 2008, já se pensava nas escolas e centros formadores, sendo essa ação oriunda de escolas que já existiam, como a ENSP, a ESP-MG, a ESP-RS, outras escolas que estavam em formação e muitos centros formadores.

Reforçou que a ideia de formar uma rede acompanhou o movimento de consolidação da área de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde, no sentido de seguir a lógica organizativa do sistema de saúde brasileiro, de forma descentralizada e regionalizada. Destacou que é na direção do território, por meio do espaço da educação na saúde, que se deve pensar a formação no SUS e para o SUS, com as instituições que ali exercem esse papel.

Nesse processo, Márcia explicou que a ENSP, a SGTES e outros parceiros perceberam a importância de fortalecer essa rede de instituições formadoras, nos diferentes territórios do país. Dessa maneira, surgiu a RedEscola, a partir do reconhecimento da importância e do valor que tem o trabalho articulado e colaborativo entre as instituições dentro dos diferentes territórios do Brasil.

Prosseguiu mostrando que dentro dessa lógica, a RedEscola vem atuando ao longo dos últimos 16 anos, sendo atualmente composta por 67 instituições formadoras, entre universidades, escola nacional, escolas estaduais, escolas distritais, escolas municipais, institutos, departamentos estaduais e departamentos municipais. Márcia também ressaltou que, além de contemplar instituições de todo o país, a RedEscola dialoga com várias redes, como redes estaduais, Abrasco e redes que atuam no âmbito internacional.

Márcia também destacou a importância de todos conhecerem o regimento da RedEscola, para aprofundar o conhecimento e sugerir mudanças e atualizações caso necessário. Nesse sentido, mostrou a **estrutura de governança** da RedEscola que é organizada da seguinte maneira: **Secretaria Técnica e Executiva da RedEscola**, que exerce atividade nas áreas de coordenação geral, gestão de projetos, administrativa, análise técnica e comunicação; **Grupo de Condução**, que é estruturado com 10 membros titulares, 10 membros suplentes e 1 membro permanente; **Conselho Consultivo**, que tem a proposta de ser um espaço de diálogo da RedEscola com Ministério da Saúde (MS), Conselho Nacional de Secretarias Estaduais de Saúde (CONASS), Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), contribuindo para impulsionar processos diretivos da Rede, acompanhamento e sugestão de programas.

Em seguida, Márcia mostrou as **principais ações colaborativas em rede** que norteiam o trabalho da RedEscola: intensificar as ações de cooperação; horizontalidade (espontânea e estimulada); desenvolver projetos que impulsionem a colaboração interinstitucional; colaboração entre redes (nacionais e internacionais); reafirmar o papel e as condições institucionais para ampliar a capacidade formativa no SUS e para o SUS (diversidade institucional); fortalecer o sentido de pertencimento regional, com trocas, compartilhamentos e desafios comuns.

Sobre o **papel político e estratégico** da RedEscola, pontuou que se trata de um espaço privilegiado para entender como as políticas estão acontecendo nos diferentes territórios, permitindo conhecer as experiências locais e regionais para colaborar e dar subsídios para políticas nacionais. Destacou-se a possibilidade de dar visibilidade ao que se tem produzido e localizar lacunas e vazios formativos. Complementou que a rede também tem a perspectiva da prospecção, no sentido de subsidiar o desenvolvimento profissional, para melhoria da qualidade dos processos formativos no SUS e para o SUS.

Seguindo na apresentação, Márcia mostrou uma síntese de temas e proposições das oficinas regionais da RedEscola em 2024, lembrando que o objetivo das oficinas foi promover a troca de experiências e o fortalecimento da rede de instituições formadoras da RedEscola, com foco em iniciativas voltadas à formação na saúde e para o SUS. Ela reforçou que as oficinas resultaram em uma produção significativa de materiais, tais como: como proposições para a 4ª Conferência Nacional de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde;

proposições orientadoras para o trabalho da RedEscola; cartas de posicionamento das regiões Nordeste e Centro-Oeste; agenda estratégica para fortalecimento das escolas do SUS na região Norte e relatórios técnicos das oficinas. Em sua fala, ressaltou como esse processo foi colaborativo e como a participação dos membros do Grupo de Condução foi fundamental para esse processo acontecer.

Depois, mostrou uma **síntese de temas centrais e proposições comuns entre as 5 regiões**: Educação Permanente em Saúde; Integração Ensino-Serviço-Comunidade; Política de Formação no e para o SUS; Residências; Cenários de Práticas e RedEscola.

Ainda sobre as oficinas regionais, Márcia destacou algumas das principais questões que foram pensadas pelos grupos ao abordar a **Política de Formação para o SUS**. Um dos principais aspectos abordados foi o financiamento, especialmente no contexto de como pensar e estruturar a política educacional a partir do interior do SUS. Ressaltou que em diversas oficinas, ainda que com abordagens distintas, destacou-se a necessidade de alinhar as ações formativas à melhoria da qualidade dos serviços de saúde, consolidando esse como um dos principais objetivos da política de formação. Outro ponto relevante foi a necessidade de sensibilizar e, sobretudo, conscientizar os gestores sobre a relevância dos processos formativos, com ênfase especial na Educação Permanente em Saúde (EPS), tornando-se fundamental desenvolver estratégias criativas de engajamento, promovendo o entendimento da importância das ações educativas para a qualificação dos serviços de saúde. Foi apontada, inclusive, a importância de criar espaços onde os gestores possam ouvir diretamente relatos de usuários e representantes do controle social, como os conselhos de saúde, evidenciando o impacto positivo das formações na realidade dos serviços.

Márcia também abordou o ponto da **EPS** e das principais questões trabalhadas nas oficinas sobre esse tema, tais como: ter a EPS como princípio, como pilar ético, metodológico e político que orienta as práticas das Escolas do SUS; valorizar o profissional para qualificação da força de trabalho em saúde; valorizar o espaço da CIES para construção de propostas de EPS nos territórios; incluir elementos da Educação Popular em Saúde nos processos educacionais; criar financiamento tripartite com fundo fixo de incentivo, entre outros.

Ainda no que tange às oficinas, na parte de **Integração Ensino e Serviço**, Márcia ressaltou que foram discussões prioritariamente voltadas para CIES e COAPES, além das residências, cenários de práticas, disputas de vagas. Especificamente sobre **cenários de práticas**, o ponto mais forte foi a preceptoria, destacando que o preceptor do serviço, precisa de formação e incentivo, pois seu papel é essencial. Sobre as **residências**, destacou-se a sua concepção como modelos estratégicos de formação para o SUS e a necessidade de fortalecer o aspecto interprofissional na formação dos residentes.

Para concluir a apresentação, Márcia compartilhou as **proposições que foram elaboradas para a RedEscola**: atuar de forma estratégica para aproximar as ações do Ministério da Saúde às necessidades territoriais dos estados e municípios, no que tange às políticas de educação na saúde; ampliar a rede de comunicação e dar visibilidade aos processos formativos e demais ações desenvolvidas pelas escolas; consolidar o papel da RedEscola como espaço central de inovação e fortalecimento da educação na saúde; incentivar o desenvolvimento de pesquisas colaborativas nas escolas do SUS, com intuito de

reconhecer e fortalecer as escolas como produtoras de conhecimento no e para o SUS; apoiar a criação de um Observatório das Escolas do SUS, entre outros. Vale destacar, que todo esse material produzido está detalhado nos relatórios técnicos das oficinas regionais. Os relatórios das oficinas podem ser acessados nos links abaixo, organizados por região:

- Oficina Regional Norte: <https://bit.ly/RelatórioNO>
- Oficina Regional Nordeste: <https://bit.ly/RelatórioNE>
- Oficina Regional Sudeste: <https://bit.ly/RelatórioSE>
- Oficina Regional Sul: <https://bit.ly/RelatórioSU>
- Oficina Regional Centro-Oeste: <https://bit.ly/RelatórioCO>

Em seguida, foi realizada uma atividade de trabalho em grupo, organizada por regiões, com o objetivo de construir propostas de ações colaborativas prioritárias para as instituições formadoras da Rede. A dinâmica teve como referência os debates do primeiro dia do evento, os encaminhamentos das oficinas regionais e os princípios que orientam o trabalho em rede, a consideração das necessidades dos territórios e a governabilidade das Escolas no âmbito do SUS.

A partir de três questões orientadoras — (1) quais ações prioritárias podem ser efetivadas por meio de interações entre instituições formadoras da região e/ou com outras regiões do país; (2) quais recursos materiais, humanos, financeiros ou institucionais são necessários para implementar essas ações; e (3) quais proposições e parcerias podem ser estabelecidas para viabilizá-las, incluindo o papel da STE-RedEscola nesse processo — os grupos regionais elaboraram propostas com base na realidade e nas potencialidades de seus territórios.

A tabela a seguir apresenta, de forma sistematizada, as ações colaborativas prioritárias identificadas por cada região, apresentadas e validadas durante o evento.



AÇÕES PRIORITÁRIAS DAS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DA REDESCOLA

Região	Ações Colaborativas prioritárias
Centro-Oeste 	• Aprimorar a comunicação entre as escolas do SUS referente ao desenvolvimento das suas ações; • Fortalecer as Pautas EPS nas instâncias de gestão do SUS; • Desenvolver uma plataforma digital para compartilhamento de legislações organizadas por temas de interesse das Escolas de Saúde Pública; • Discutir o financiamento tripartite.
Nordeste 	• Implementar encontros semestrais online para a regional Nordeste; • Ampliar estratégias de comunicação das escolas (interna e externa: divulgar da RedEscola para os novos gestores municipais); • Construir painel de indicadores regionais de educação permanente que demonstrem o impacto nos serviços de saúde; • Produzir e divulgar o conhecimento técnico-científico de forma articulada, a partir das ações desenvolvidas na rede SUS-Escola.
Norte 	• Criar um ambiente virtual na RedEscola para hospedar os documentos/informações de apoio a promoção da Educação na saúde e formação para o SUS; • Realizar encontros interinstitucionais bimestrais de forma virtual e um encontro anual de forma presencial; • Compartilhar saberes em seminários e oficinas envolvendo as instituições formadoras e de pesquisa para o SUS.
Sudeste 	• Realizar atividades de formação sobre COAPES; • Estabelecer parcerias entre Escolas e Universidades para realização de desenvolvimento de estudos de interesses das escolas; • Realizar um levantamento de necessidade de estrutura e recursos tecnológicos das Escolas; • Elaborar um mapeamento dinâmico das ações de formação e pesquisa desenvolvidos pelas escolas.
Sul 	• Criar grupo de trabalho regional para elaboração de um planejamento estratégico situacional com o estabelecimento das ações/parcerias prioritárias para a região Sul e fortalecimento da RedEscola; • Realizar um mapeamento dos instrumentos e projetos interinstitucionais utilizados para integração ensino-serviço- comunidade no que tange os campos de prática de graduação e pós-graduação; • Realizar um diagnóstico dos processos avaliativos de Educação na Saúde utilizados pelas Instituições visando o compartilhamento das experiências exitosas e possível aperfeiçoamento/aplicabilidade destes processos.

Plenária da RedEscola 2024

Na tarde de 28 de novembro de 2024, foi realizada a Plenária da RedEscola 2024, conduzida pela professora Márcia Cristina Rodrigues Fausto, da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz) e Coordenadora da Secretaria Técnica Executiva (STE) da RedEscola. O encontro marcou um momento crucial para a consolidação das estratégias da rede e a eleição do Grupo de Condução para o biênio 2025-2027.



ELEIÇÕES REGIONAIS PARA O GRUPO DE CONDUÇÃO

As eleições ocorreram ao longo do dia 25 dias do mês de novembro de 2024, por meio da plataforma Zoom, e contaram com ampla participação das instituições regionais.

Região Centro-Oeste (09h00 - 10h00, 25 de novembro de 2024)

Representantes das seguintes instituições estiveram presentes:

- Escola de Saúde Pública de Mato Grosso do Sul Dr. Jorge David Nasser
- Escola de Saúde Pública do Distrito Federal
- Escola de Saúde Pública do Estado do Mato Grosso
- Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago
- Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia
- Escola Municipal de Saúde Pública de Aparecida de Goiânia
- Escola Superior de Ciências da Saúde

Resultados:

- **Titular:** Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago
- **Suplente:** Escola de Saúde Pública do Distrito Federal.

Região Nordeste (10h30 - 11h00, 25 de novembro de 2024)

Representantes das seguintes instituições participaram:

- Centro de Educação Permanente da Saúde (CEPS) - Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju
- Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues
- Escola de Saúde Pública do Estado de Sergipe
- Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão Dr^a Maria Nazareth Ramos de Neiva
- Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Norte
- Escola Técnica de Saúde Professora Valéria Hora (ETSAL)
- Escola de Saúde Pública da Bahia Professor Jorge Novis
- Universidade Estadual Vale do Acaraú (CCS)
- Universidade Federal da Bahia (ISC)
- Universidade Federal do Ceará (DSC)
- Universidade Federal do Piauí (NESP)

Resultados:

- **Suplente:** Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão.

Região Sudeste (13h00 - 14h00, 25 de novembro de 2024)

Representantes das seguintes instituições

- Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
- Escola de Saúde Pública de Campinas (ESPC)
- Escola Municipal de Saúde (EMS) - Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo
- Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação (ICEPi)
- Universidade de São Paulo (FSP)
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS)

- Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC)
- Universidade Federal Fluminense (ISC)
- Escola de Saúde Pública de Betim Sérgio Arouca

Resultados:

- **Titulares:** Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação (ICEPi) e Instituto Saúde Coletiva da UFF
- **Suplente:** Escola de Saúde Pública Municipal de Campinas/SP.

Região Sul (14h30 - 15h40, 25 de novembro de 2024)

Instituições participantes:

- Escola de Saúde Pública de Santa Catarina
- Escola de Saúde Pública do Paraná
- Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
- Escola Municipal de Saúde Pública de São José dos Pinhais
- Grupo Hospitalar Conceição - Gerência de Ensino e Pesquisa
- Universidade Estadual de Londrina (CCS)
- Escola de Saúde Pública de Florianópolis

Resultados:

- **Titulares:** Escola de Saúde Pública do Paraná e Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
- **Suplentes:** Escola de Saúde Pública de Santa Catarina e Escola de Saúde Pública de Florianópolis.

Região Norte (16h00 - 17h00, 25 de novembro de 2024))

Instituições participantes:

- Escola de Saúde Pública de Manaus
- Escola de Saúde Pública do Amapá
- Escola Tocantinense do SUS Dr. Gismar Gomes
- Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas
- Fundação Oswaldo Cruz (Instituto Leônidas e Maria Deane - AM)
- Universidade do Estado do Pará
- Universidade Federal de Rondônia (NUSAU)
- Universidade Federal do Amapá
- Escola de Saúde Pública de Araguaína

Resultados:

- **Titular:** Escola de Saúde Pública de Manaus
- **Suplentes:** Escola de Saúde Pública de Araguaína e Escola de Saúde Pública do Amapá.

A plenária e as eleições evidenciaram o compromisso das escolas de saúde pública em colaborar para o fortalecimento das políticas de saúde no Brasil. Os representantes eleitos assumirão suas funções no biênio 2025-2027, assegurando a continuidade e o avanço das ações da RedEscola.



COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE CONDUÇÃO DA SECRETÁRIA TÉCNICA DA REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA – RESULTADO DA ELEIÇÃO DE 2024

UF	NOME COMPLETO DA ESCOLA	PERÍODO	MEMBRO TITULAR ou SUPLENTE	CLASSIFICAÇÃO
MEMBRO PERMANENTE				
RJ	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca	Membro Permanente		Escola Nacional
CENTRO-OESTE				
MS	Escola de Saúde Pública de Mato Grosso do Sul Drº Jorge David Nasser	2024 - 2025	Titular	Escola Estadual
GO	Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago	2025 - 2026	Titular	Escola Estadual
MT	Escola de Saúde Pública do Estado do Mato Grosso	2024 - 2025	Suplente	Escola Estadual
DF	Escola de Saúde Pública do Distrito Federal	2025 - 2026	Suplente	Escola Distrital
NORDESTE				
PE	Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco	2024 - 2025	Titular	Escola Estadual
CE	Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues	2024 - 2025	Titular	Escola Estadual
PI	Escola de Saúde Pública do Estado do Piauí	2024 - 2025	Suplente	Escola Estadual
MA	Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão	2025 - 2026	Suplente	Escola Estadual
NORTE				
TO	Escola Tocantinense do SUS Drº Gismar Gomes	2024 - 2025	Titular	Escola Estadual
AM	Escola de Saúde Pública de Manaus	2025 - 2026	Titular	Escola Municipal
TO	Escola de Saúde Pública de Araguaína	2025 - 2026	Suplente	Escola Municipal
AP	Escola De Saúde Pública Do Amapá	2025 - 2026	Suplente	Escola Estadual
SUDESTE				
ES	Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação - Secretaria de Estado da Saúde do ES	2025 - 2026	Titular	Escola Estadual
RJ	Instituto Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense	2025 - 2026	Titular	Universidade
MG	Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais	2024 - 2025	Suplente	Escola Estadual
SP	Escola de Saúde Pública Municipal de Campinas/SP	2025 - 2026	Suplente	Escola Municipal
SUL				
PR	Escola de Saúde Pública do Paraná	2025 - 2026	Titular	Escola Estadual
RS	Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul	2025 - 2026	Titular	Escola Estadual
SC	Escola de Saúde Pública de Santa Catarina	2025 - 2026	Suplente	Escola Municipal
SC	Escola de Saúde Pública de Florianópolis	2025 - 2026	Suplente	Escola Municipal



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Encontro Nacional da Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública (RedEscola), representou não apenas a culminância de um ciclo de intensas atividades desenvolvidas ao longo do ano, mas também um marco na reafirmação da força, da vitalidade e da relevância desta rede para a qualificação da formação em saúde no Brasil.

As discussões, trocas e encaminhamentos que se desenrolaram ao longo do evento reafirmaram a RedEscola como um espaço singular de articulação interinstitucional, onde instituições formadoras, gestores, trabalhadores, representantes do controle social e pesquisadores se encontram para refletir criticamente, propor estratégias e fortalecer a atuação conjunta em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS).

Destacaram-se, nesse processo, as experiências compartilhadas nas mesas-redondas, a apresentação das sínteses das Oficinas Regionais e a realização dos Grupos de Trabalho, que permitiram o aprofundamento das especificidades e potencialidades de cada região do país, compondo uma pauta nacional com olhar atento à diversidade e às desigualdades territoriais. As propostas construídas coletivamente apontam caminhos estratégicos para o fortalecimento das escolas públicas de saúde, a través da construção de espaços de compartilhamento, trocas e produção de ações colaborativas, assim como o aprimoramento de ações de comunicação das escolas; para a ampliação da formação pedagógica; para o avanço na pesquisa sobre a educação permanente e para o aprimoramento das práticas de gestão interinstitucional.

Este encontro reiterou que a RedEscola é mais do que uma rede de instituições: é uma rede de pessoas, de afetos, de compromissos éticos e políticos em prol da saúde pública e da democracia. O fortalecimento dos vínculos estabelecidos e renovados ao longo do evento confere sustentação à continuidade de projetos comuns e alimenta a esperança em tempos de grandes desafios sociais e políticos.

A nomeação do novo Grupo de Condução para o biênio 2025-2027, bem como a definição de uma agenda temática colaborativa para os próximos anos, evidencia o compromisso de continuidade e de renovação que orienta a RedEscola. Avançar na qualificação da formação em saúde, ampliar a articulação entre ensino, serviço e comunidade, e fortalecer a pesquisa aplicada à gestão do trabalho e da educação são compromissos que se mantêm e se expandem a partir deste encontro.

Por fim, o Encontro Nacional RedEscola 2024 reafirma a potência da educação na saúde como um instrumento fundamental para a consolidação do SUS e para a promoção de uma sociedade mais justa, equânime e solidária. Que os laços tecidos e reforçados neste encontro sigam inspirando as instituições, os profissionais e os territórios, impulsionando a RedEscola na sua missão de formar, transformar e fortalecer o sistema público de saúde brasileiro.



REDESCOLA PRESENTE

*Articulação criativa
Com princípios e valores
Compromisso dos atores
Em Rede sempre inclusiva
Nossa vida é Escola Viva
Na Educação Permanente
Processo vivo, com Gente
Movimento que conduz
Pra fortalecer o SUS
É RedEscola presente
Oficinas regionais
Presença em cada região
Debates de educação...
Saúde em projetos sociais
Ações institucionais
Pra Rede ser mais potente
Cada elo dessa corrente
Nesse Encontro na Fiocruz
Sempre em defesa do SUS
É RedEscola presente*

Autor: Domício Aurélio de Sá - IAM/Fiocruz-PE

ANEXOS

PROGRAMAÇÃO DO ENCONTRO NACIONAL DA REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA 2024



PROGRAMAÇÃO	
Local: ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca Endereço: R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21041-21	
1º DIA - 27/11/2024	
8h30 às 9h	Credenciamento
9h às 9h30 Auditório ENSP	Mesa de Abertura: Livia Milena Barbosa de Deus e Mello - Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES/SGTES/MS). Elaine Junger Pelaez - Conselheira Nacional de Saúde e integrante da Comissão Recursos Humanos e Relações do Trabalho (CIRHRT/CNS). Cristiani Vieira Machado - Vice-Presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Marco Antônio Carneiro Menezes - Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP). Márcia Cristina Rodrigues Fausto - Coordenadora da Secretaria Técnica e Executiva da Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública - (ENSP/Fiocruz/STE-RedEscola). Célia Maria Borges da Silva Santana - Representante do Grupo de Condução da RedEscola e Diretora da Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco - (ESPPE)
9h40 às 12h Auditório ENSP	Mesa Redonda: Educação na saúde na contemporaneidade. Mediação: Eduardo Alves Melo (VDEGS/ENSP/Fiocruz) <i>Marcos contemporâneos das relações de trabalho e desafios apontados para os sistemas universais de saúde. - Márcia Teixeira (ENSP/Fiocruz)</i> <i>Desafios sócio-sanitários contemporâneos e competências profissionais necessárias para a conformação de sistemas de saúde comprometidos com a inclusão social e a garantia do acesso ao cuidado integral - Tatiana Vargas de Faria Baptista (IFF/Fiocruz)</i> <i>Desafios para as políticas de formação na saúde. - Nildo Alves Batista (Unifesp - Baixada Santista)</i> Debate
12h às 13h15 ASFOC/Fiocruz	Almoço (transfer para os convidados)
13h20 às 13h40 Castelo Mourisco	Foto oficial com os representantes das Instituições Formadoras que compõem a RedEscola no Castelo Mourisco (Fiocruz). (transfer de retorno a ENSP para os convidados)
14h às 14h30 Auditório ENSP	Apresentação da síntese de temas e proposições das Oficinas Regionais 2024 RedEscola. - Márcia Cristina Rodrigues Fausto - (ENSP/Fiocruz/STE-RedEscola).

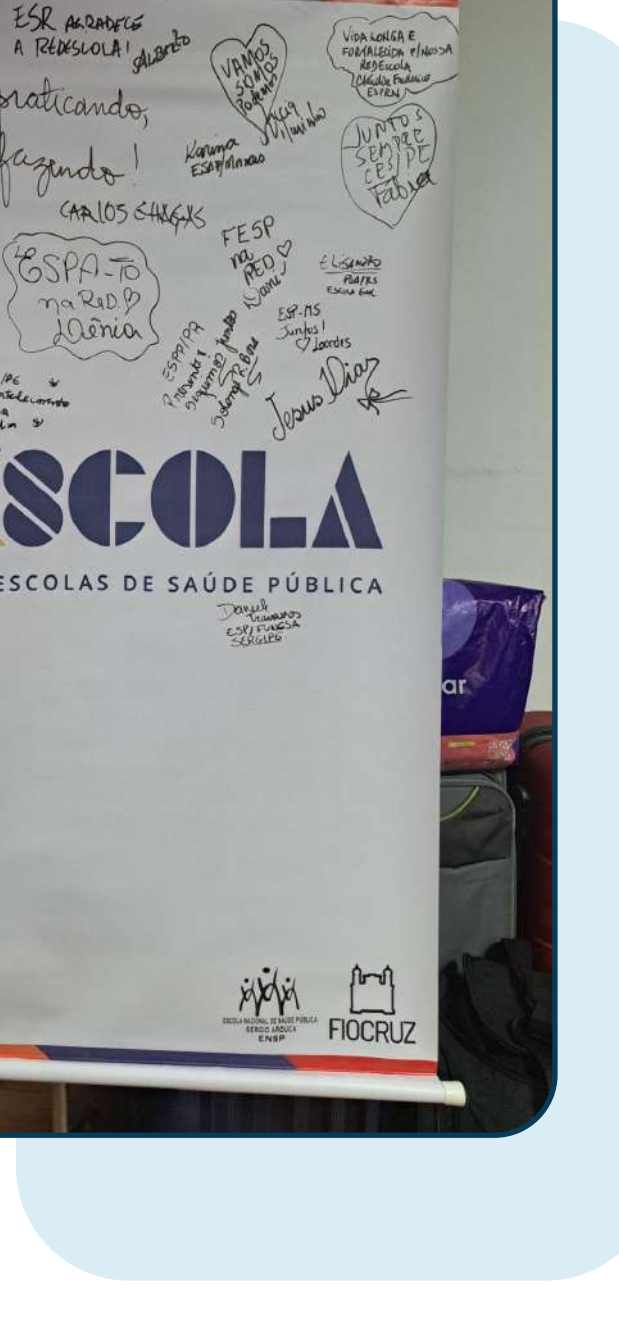




14h30 às 16h30 Auditório ENSP	Dispositivos de gestão interinstitucional para a Educação na Saúde: atuação e gestão das Escolas do SUS. Mediadora e debatedora: Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello- Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES/ SGTES/MS). Fabiano Ribeiro dos Santos - Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde (ICEPI). Alessandra de Quadra Esmeraldino - Escola de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis (ESP-Floripa). Márcia Silveira Ney - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).
16h30h Portaria ENSP	Confraternização no Restaurante Terra Brasilis. (transfer para os convidados até o Restaurante)
2º DIA – 28/11/2024	
8h30 às 9h	Credenciamento
9h às 9h30 Auditório ENSP	A Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública – o trabalho em rede, projetos comuns e ações colaborativas. - Márcia Cristina Rodrigues Fausto – (ENSP/Fiocruz/STE-RedEscola).
9h30 às 12h30 Sala 01 Sala 403 Sala 405 Sala 410 Sala 523	Planejamento colaborativo entre as instituições formadoras da RedEscola. Grupos de Trabalho: 1 - Grupo Norte (Sala 405 – 4ª andar) 2 - Grupo Nordeste (Sala 01 – 4ª andar) 3 - Grupo Centro-Oeste (Sala 523 – 5ª andar) 4 - Grupo Sudeste (Sala 410 – 4ª andar) 5 - Grupo Sul (Sala 403 – 4ª andar)
12h30 às 13h30 ASFOC/Fiocruz	Almoço (transfer para os convidados)
14h às 16h Sala 410	Plenária 2024 – RedEscola. Coordenação Geral: Márcia Cristina Rodrigues Fausto - (ENSP/Fiocruz/STE-RedEscola). - Apresentação das propostas de ações colaborativas. – 1 relator por GT - Agenda temática da RedEscola, propostas e encaminhamentos para 2025-2026. (curso de formação, projeto de pesquisa, e outras ações.) – Yansy Aurora Delgado Orrillo (STE-RedEscola). - Indicação e nomeação do Grupo de Condução - Gestão 2025/2027.
16h Sala 410	Fechamento do Encontro Nacional RedEscola 2024.
16h30 Portaria ENSP	Transfer ENSP/Aeroporto Galeão e Aeroporto Santos Dumont.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO ENCONTRO NACIONAL REDESCOLA 2024



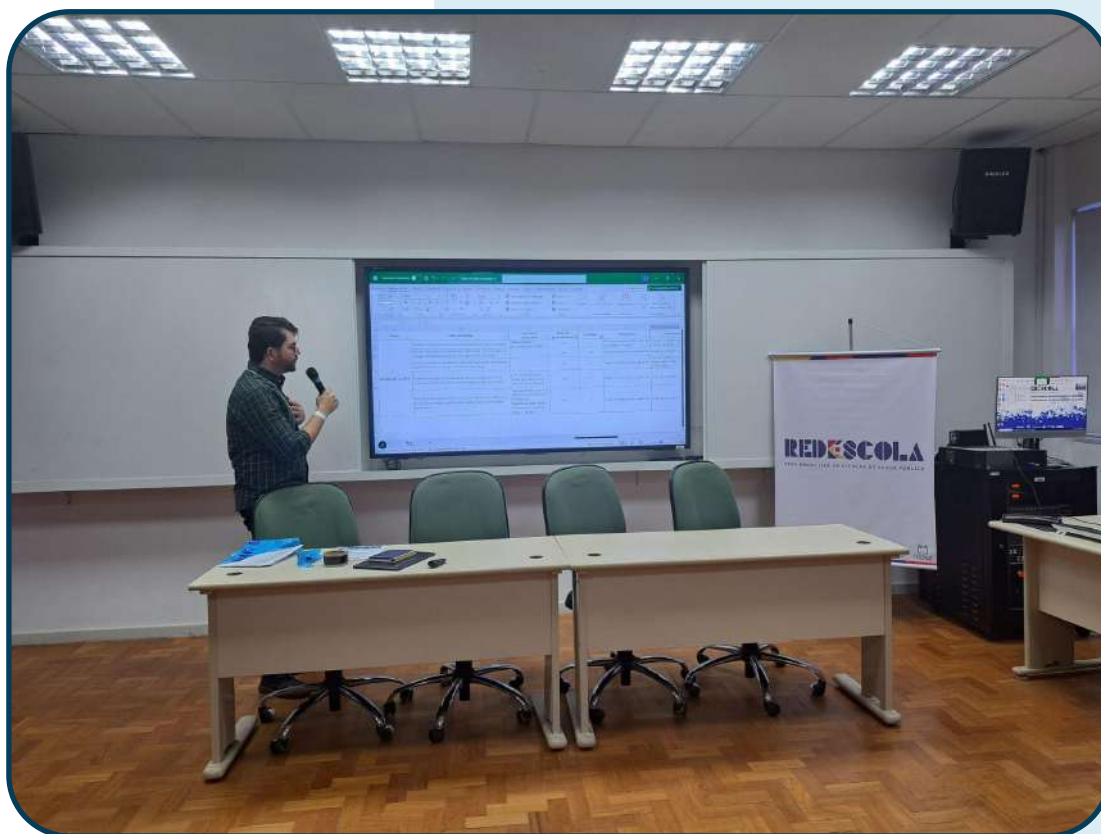


























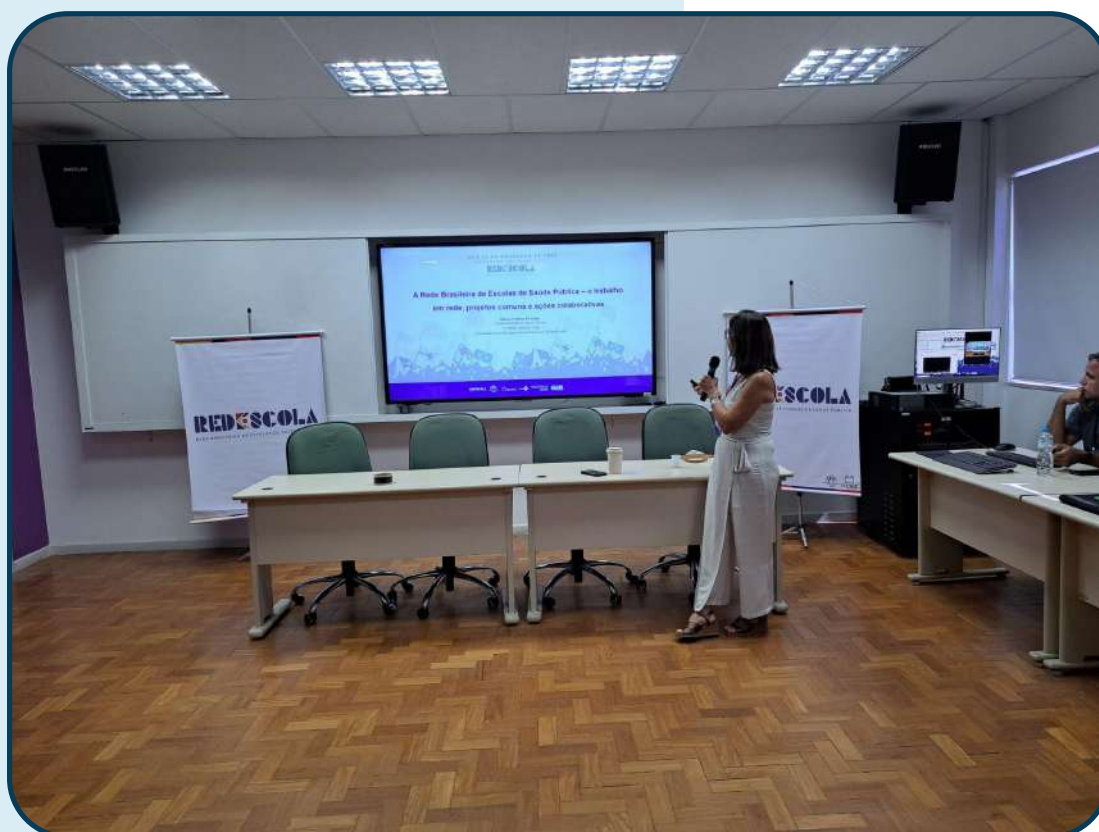
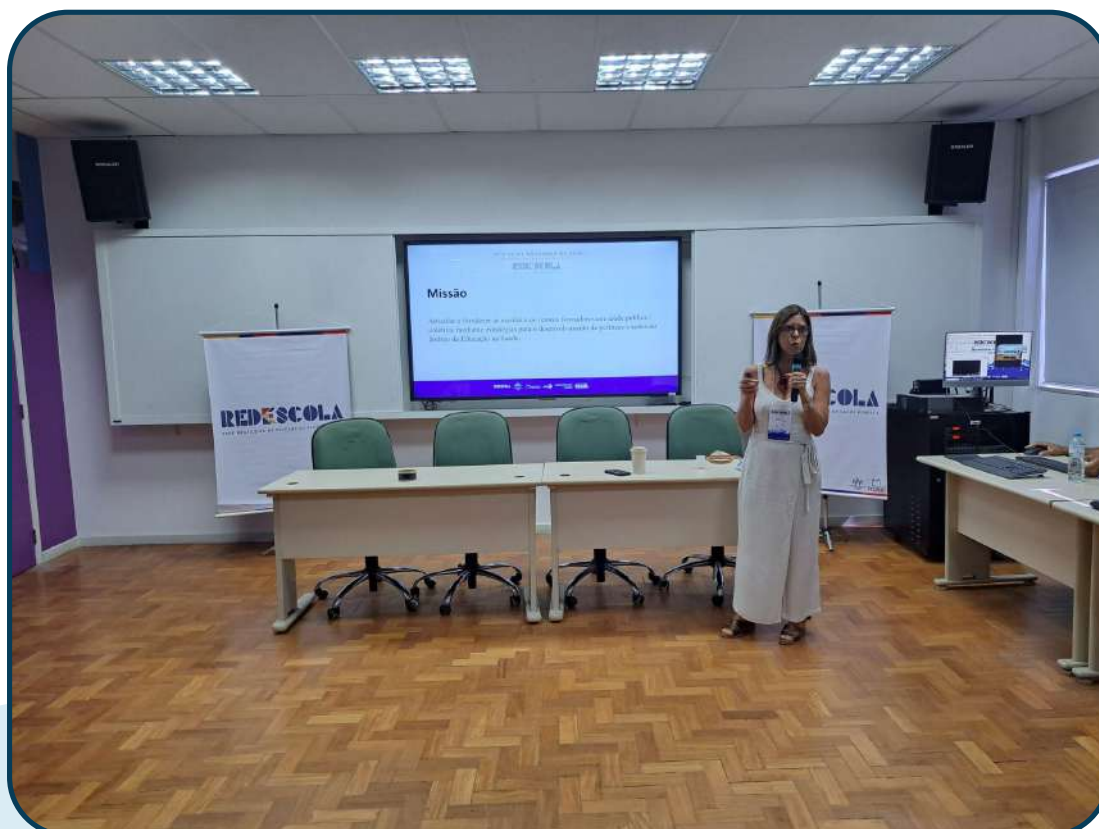
























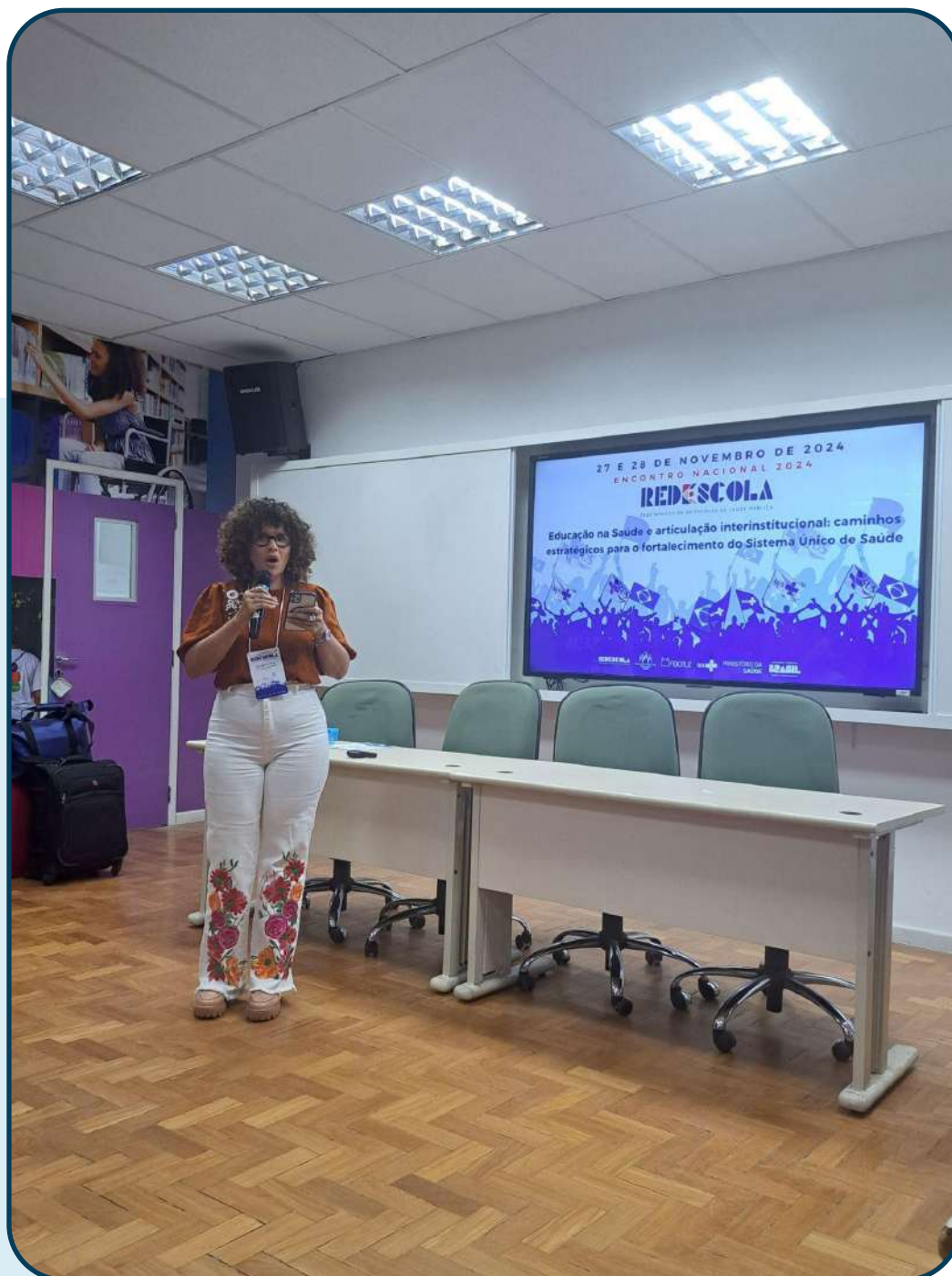




















27 E 28 DE NOVEMBRO DE 2024

ENCONTRO NACIONAL 2024

REDESCOLA

REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA

